ANO 57
237
Dezembro 2010

FIEG
SESI
SENAI
IEL
ICQ BRASIL

FIEG

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás

ENTREVISTA

"Não tenho dúvida de que a economia de Goiás dará um novo salto"

Pedro Alves de Oliveira *(direita)*, novo presidente da Fieg, em substituição a Paulo Afonso Ferreira

A VONTADE DA MAIORIA

TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA MARCA PROCESSO ELEITORAL NA FIEG, QUE NESTE ANO COINCIDIU COM A ESCOLHA DOS NOVOS GOVERNADORES E DA PRIMEIRA PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

MOSTRE QUE A SUA EMPRESA SABE CRESCER.

OFEREÇA A OPORTUNIDADE
QUE OS SEUS FUNCIONÁRIOS PRECISAM
PARA CRESCEREM TAMBÉM.

CURSOS DO SESI DE CAPACITAÇÃO E
ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO
PARA JOVENS E ADULTOS.
LEVE ESSA OPORTUNIDADE DE SUCESSO
PARA DENTRO DA SUA EMPRESA.

Para continuar produzindo cada vez mais, a sua empresa precisa aproveitar as melhores oportunidades do mercado. Com horários de aulas flexíveis e programas de ensino customizados de acordo com as necessidades do seu negócio, os cursos do SESI são feitos sob medida para as empresas que querem ver seus funcionários se qualificando cada vez mais, e sua participação no mercado crescendo e aparecendo.

Goiânia: 4002-6213
Demais localidades: 0800-642 1313

FIEG SESI

www.sesigo.org.br

"Confirmou-se que o melhor caminho para se estabelecer uma base sólida é ouvir todos os interessados"

Pedro Alves de Oliveira
Presidente da Fieg

Gestão compartilhada

Decorrência natural do último pleito na Federação das Indústrias do Estado de Goiás, duas palavras, principalmente, definirão nosso trabalho nos próximos quatro anos: gestão compartilhada. A disputa eleitoral extremamente democrática deste ano propiciou a todos os envolvidos a oportunidade de aprimorar a entidade em termos de representatividade do setor industrial, fruto da aproximação entre os participantes. Assim, manifestaram-se francamente presidentes, diretores e empresários dos 35 sindicatos integrantes da Fieg na escolha da nova Diretoria. Confirmou-se que o melhor caminho para se estabelecer uma base sólida é ouvir todos os interessados, num processo que diversifica as informações e facilita a definição das diretrizes.

Com certeza, amadureci nesse aprendizado, que enriquece uma experiência de 28 anos dentro da Federação, 11 dos quais como seu vice-presidente, aprendendo com dois legítimos ícones da indústria goiana e brasileira: José de Aquino Porto e Paulo Afonso Ferreira, cada qual com seu estilo, ambos eficientíssimos nas missões que desempenharam como líderes de nossa classe.

Com todos os diretores e presidentes de sindicatos, dividiremos nossas ações e metas. Juntos, construiremos uma plataforma, já em fase de definição,

para o breve estabelecimento de um programa que visará ao atendimento máximo às demandas das empresas e dos trabalhadores da indústria, otimizando, em sua execução, as equipes técnicas e de colaboradores do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, que são da melhor qualidade e demonstram amor à camisa e determinação.

Esta edição da **Goiás Industrial** apresenta uma cobertura histórica das eleições que, em 2010, definiram os destinos do Estado de Goiás e da Federação das Indústrias do Estado de Goiás. Seu conteúdo, eclético e vasto, merece ser lido e guardado para consultas futuras.

No que diz respeito ao segmento industrial, são evidenciados os compromissos principais das cinco casas do Sistema Fieg no cumprimento de suas atividades institucionais.

Politicamente, tudo será feito para implantação do Mapa Estratégico da Indústria Goiana, que aponta a solução de problemas estruturais que emperram ou ameaçam o desenvolvimento econômico e social do próprio Estado, em termos de energia, transportes, saneamento e distritos industriais, como nos gargalos existentes na educação, formação de mão de obra, gestão empresarial, legislação fiscal e trabalhista e questões ambientais, dentre muitas outras.

A Fieg fortalecerá suas relações com o Fórum Empresarial, compartilhando esforços em tudo que disser respeito ao interesse coletivo, e manterá relacionamento efetivo e respeitoso com os poderes públicos.

Permanentemente, estará articulada com a Confederação Nacional da Indústria, em sintonia com o companheiro Paulo Afonso Ferreira, seu diretor secretário e presidente da Coal (Comissão de Assuntos Legislativos) da CNI no Congresso Nacional, e diretor geral do IEL Nacional.

Se os desafios são imensos, nossa disposição e esquema de trabalho são ainda maiores.

índice

CAPA
26 Marconi Perillo e seus aliados aceleram as negociações para formatar a nova equipe de governo e acomodar os diversos interesses da coligação que o elegeu, enquanto buscam recursos para financiar programas sociais e projetos na área de infraestrutura. Entre outras propostas, o governador eleito promete adotar um modelo de gestão baseado na meritocracia.

ENTREVISTA
8 Eleito por 22 entre os 35 sindicatos que formam a Fieg, seu novo presidente, Pedro Alves de Oliveira, tem planos de apressar a implementação do Mapa Estratégico da Indústria Goiana, reforçar as instituições do Sistema Fieg e a base sindical que dá sustentação a esse sistema.

SENAI GOIÁS
14 Implantado há três anos pelo Sesi e Senai Goiás, inicialmente em Goiânia e Anápolis, o ensino médio integrado com a educação profissional forma em dezembro suas primeiras turmas, num total de 151 alunos. Destes, quase 80% fazem estágio em 57 empresas, com perspectivas de contratação futura, e 2 já estão empregados.

SESI GOIÁS
16 O Teatro Sesi consolida-se como importante espaço para a cultura e para a realização dos projetos sociais tocados pela instituição em Goiás. Oficialmente, as cortinas do teatro foram abertas no dia 27 de outubro, em noite de gala, coroada pelas apresentações da premiada Quasar Cia. de Dança, do concertista gaúcho Miguel Proença e da Orquestra de Câmara Goyazes, além de outros artistas de renome.

INCLUSÃO SOCIAL
20 O Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás, por meio do Sesi e do Senai, reuniu empresários e gestores de indústrias goianas, em encontro no Clube Antônio Ferreira Pacheco, no dia 23 de outubro, para debater a importância da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e as dificuldades que ainda enfrentam para obter colocação.

CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS

35 O Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CIN/Fieg) montou uma ofensiva ao longo de 2010 para abrir mercados a empresas goianas com vocação exportadora. Apenas neste ano, numa parceria com a Rede CIN, a unidade da Fieg organizou a participação de 46 empresas goianas em seis feiras internacionais, com o objetivo de aproximar fabricantes locais e clientes em potencial no exterior, percorrendo desde a Bolívia *(foto)* até a China, passando pelo Panamá, por Cuba, pela Itália e França.

ICQ BRASIL

23 Empresas armazenadoras de produtos agrícolas têm prazo até 31 de dezembro para certificar 25% de sua capacidade estática ou um quarto de suas unidades. A posição de Goiás no setor, responsável por 9% dos grãos produzidos no País, e a importância do agronegócio para as exportações reforçam a necessidade de acelerar o processo de certificação, exigida pelos principais mercados.

MEIO AMBIENTE

45 Seis entre cada dez indústrias goianas adotam sistemas de gestão ambiental, segundo a Sondagem Especial de Meio Ambiente realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O estudo mostra ainda que 65,7% das indústrias do Estado aderiram à gestão ambiental como forma de aumentar a competitividade de suas exportações.

COMÉRCIO EXTERIOR

37 Apesar de todo o crescimento acumulado pelas exportações goianas nos últimos anos, o setor ainda terá de enfrentar o desafio de reduzir sua dependência em relação a produtos básicos, que representam mais de 80% da pauta exportadora, ampliar a participação de bens e produtos com maior conteúdo tecnológico e reduzir o grau de concentração.

IEL GOIÁS

42 Vencedores da sexta edição da fase regional do Prêmio IEL de Estágio 2010, três estudantes goianos – Thays de Lima Dias, Álvaro Barbosa Macêdo Pereira e Danilo Cantieri de Mello – concorreram à etapa nacional, realizada em Brasília.

expediente

GOIASINDUSTRIAL

FIEG

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho

Subeditor
Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Pereira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jávier Godinho,Nathalya Toaliari e Valbene Bezerra

Colaboração
Welington da Silva Vieira

Fotografia:
Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações
Willian Fernando

Projeto gráfico
Wesley Cesar

Diagramação e produção
Clarim Comunicação e Marketing
Rua S-6 nº 129, Sala 01,
Setor Bela Vista
(62) 3242-9095
www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade
Valéria Aquino (62) 9242-1377
8113-3148.

Fotolito e impressão
Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias
do Estado de Goiás

Presidente:
Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:
www.sistemafieg.org.br

E-mail
fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente: Waldyr O'Dwyer

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiaí, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:
nureaps@sistemafieg.org.br

SESI
Serviço Social da Indústria
Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL
Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Daniel Viana
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

ICQ BRASIL
Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretor: Daniel Viana
Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

Diretoria da FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente
Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente
Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente
Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário
Marley Antônio da Rocha

2º Secretário
Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro
André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro
Hélio Naves

Diretores
Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira
Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Osvaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal
Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI
Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de representantes junto à Fieg
Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alyson José Nogueira
Álvaro Otávio Dantas Maia
Ananias Justino Jaime
Aurelino Antônio dos Santos
Carlos Alberto Diniz
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Queiroz de Paula e Silva
Carlos Roberto Viana
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo Gonçalves
Eduardo José de Farias
Elvis Roberson Pinto
Ernani Martins Almeida
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Francisco Gonzaga Pontes
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hermínio Pometto Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Jaime Canedo
Jair Rizzi
Jairo França
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Batista Júnior
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Vieira Gomide Júnior
Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Leonardo Jayme de Arimatéa
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Carlos de Moura
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Paulino Barbosa
Marcelo José Carneiro
Marley Antônio Rocha
Marcelo José Carneiro
Moacyr Rabello Leite Neto
Orizomar Araújo de Siqueira
Pedro Alves de Oliveira
Pedro Daniel Bittar
Pedro de Souza Cunha Júnior
Ricardo Araújo
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Rubens Luiz Bernardes
Rodolfo Luis Xavier Vergílio
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselho Temáticos

Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente
Melchíades da Cunha Neto
Vice-Presidente
Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente
Henrique W. Morg de Andrade
Vice-Presidente
Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente
Roberto Elias de Lima Fernandes
Vice-Presidente
Célio de Oliveira

Conselho Temático de Política Econômica
Presidente
Marley Antônio Rocha
Vice-Presidente
Beyle de Abreu Freitas

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente
Orizomar Araújo de Siqueira
Vice-Presidente
Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente
Humberto Rodrigues de Oliveira
Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente
Antônio de Sousa Almeida
Vice-Presidente
Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente
André Luiz Baptista Lins Rocha
Vice-Presidente
Rodrigo Penna Siqueira

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente
Heribaldo Egídio
Vice-Presidente
Igor Montenegro Celestino Otto

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente
Alexandre Costa
Vice-Presidente
Marduk Duarte

Rede Metrológica Goiás
Presidente
Heribaldo Egídio

Câmara Setorial de Mineração
Presidente
Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG
Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG
Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO
Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN
Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFÉ
Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO
Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Ernani Martins de Almeida
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF
Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA
Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto
Fone/Fax (62) 3223-6667
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE
Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE
Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIMELGO
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO
Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME
Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO
Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE
Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 3224-0422
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Fone (62) 3224-0121

SINDMÓVEIS
Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG
Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3213-0378
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO
Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO
Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Cunha Zuppani
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO
Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Alves de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno - CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR
Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG
Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045 - sifaeg@terra.com.br

SIMESGO
Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143 - Jardim Marconal - CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3613-4810

SINROUPAS
Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO
Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste - CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

SINDTRIGO

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiaí, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br

SIAA
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA
Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO
Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Marçal Henrique Soares

SIMEA
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER
Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA
Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 35 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

UMA GESTÃO COMPARTILHADA

■ *Lauro Veiga Filho*

O fortalecimento dos sindicatos setoriais da indústria e de sua base sindical, a otimização do trabalho técnico e dos serviços prestados pelas instituições do Sistema Fieg (Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil) e adoção de um sistema compartilhado de gestão, envolvendo sindicatos, diretores e industriais, formam o tripé que dará sustentação à gestão do empresário Pedro Alves de Oliveira à frente da federação até 2014.

Goiás Industrial – Como foi atravessar esse período de campanha eleitoral na Fieg? Qual sua visão sobre esse processo?

Pedro Alves de Oliveira – Esse processo eletivo propiciou a todos uma oportunidade ímpar de aperfeiçoar a federação como entidade representativa do setor industrial. Houve amadurecimento pessoal e da própria instituição. Por que? Porque foi um processo de disputa em que você tinha de conquistar cada um dos industriais e cada um daqueles com direito a voto e isso nos levou a uma aproximação direta com todos os segmentos organizados do Estado, ouvindo seus presidentes, diretores e industriais. Isso nos ensinou que o melhor caminho para estabelecer uma relação com bases sólidas é saber ouvir as pessoas. Quando você se senta em uma mesa e permite que cada um possa expressar suas ideias torna-se mais fácil conhecer a essência das pessoas, num processo que enriquece a tomada de decisões e facilita a definição de diretrizes. Isso implica saber ouvir e valorizar propostas e ideias. Foi riquíssimo para mim em termos de acúmulo de novos conhecimentos e de maior amadurecimento.

Goiás Industrial – O sr. acredita que, como consequência de todo esse processo, o trabalho de aglutinar ou, antes, conso-

lidar a participação dos sindicatos dentro do Sistema Fieg será facilitado?

Pedro Alves de Oliveira – Em primeiro lugar, sinto-me gratificado por ter recebido 22 em 35 votos. Esse foi o resultado do trabalho que temos realizado dentro da federação ao longo de 28 anos, 11 dos quais como vice-presidente. Temos de entender que a federação não tem dono. É uma instituição com muita credibilidade, de grande relevância não só para as indústrias e para os industriários, mas para o Estado como um todo. O presidente Paulo Afonso Ferreira realizou uma gestão maravilhosa, de aglutinação, com uma série de coisas positivas que eles nos ensinou. Mas somos todos passageiros e temos de procurar escrever nossa história dentro da instituição, agora como diretor presidente. E você tem de fazer de tudo para desempenhar bem esse papel, para não decepcionar quem depositou esse voto de confiança em você e a sociedade de uma forma geral. Vou procurar oferecer o que tenho de melhor em favor do sistema como um todo e das demandas essenciais do Estado.

Goiás Industrial – Quais são os planos e prioridades do sr. para sua gestão?

Pedro Alves de Oliveira – Em primeira instância, durante o processo eleitoral, propomos realizar uma gestão compartilhada com os presidentes de sindicatos, com os diretores da casa. Isso implica dividir nossas ações, diretrizes e metas com

"O melhor caminho para estabelecer uma relação com bases sólidas é saber ouvir as pessoas"

esses companheiros. Não houve, assim, a definição prévia de um programa porque queremos construir essa plataforma com a contribuição de todos. Já estamos iniciando essa discussão e temos várias ideias que serão colocadas em debate. Em primeiro lugar, internamente, queremos otimizar todo o trabalho técnico do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil no sentido de atender às demandas das indústrias e dos industriais.

Goiás Industrial – Quais são as propostas para cada uma das entidades do Sistema Fieg?

Pedro Alves de Oliveira – O Sesi é uma instituição prioritariamente destinada a oferecer serviços de saúde, educação e lazer aos industriários. Vamos aprimorar esse trabalho, buscando atrair o industriário para que usufrua dos benefícios que o Sesi oferece. O Senai é destinado a qualificar a mão de obra e temos uma demanda muito grande no Estado, que está crescendo acima da média nacional. O resultado disso é que a demanda por mão de obra qualificada cresce muito mais do que a oferta. Temos de otimizar o trabalho do Senai, ampliando a formação de mão de obra qualificada. Nesse trabalho, vamos incrementar também o sistema de ensino articulado com o Sesi, envolvendo alunos desde o nível médio. O jovem vai estudar e, além do conhecimento básico, adquirir também qualificação profissional. Ao terminar o período de estudo, esse aluno sairá da escola com segundo grau concluído e com certificado de curso técnico, o que certamente aumentará suas chances de colocação no mercado. Isso atende aos industriários e às indústrias que procuram qualificação de recursos humanos e vão estar de olho nesse profissional.

Goiás Industrial – Para as demais entidades do sistema, o que será proposto?

Pedro Alves de Oliveira – O IEL, por exemplo, mantém essa conexão fundamental com a universidade, inclusive para colocação de estagiários nas indústrias. Esse programa permite que o estudante universitário associe a parte teórica do curso com

"Em primeiro lugar, queremos otimizar todo o trabalho técnico do Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil para atender às demandas das indústrias e dos industriais"

a prática nas empresas. Ao final do estágio, esse estudante já estará qualificado para dar continuidade a seu trabalho dentro da indústria. Provavelmente, quase cem por cento dos estagiários acabam sendo contratados pelas empresas. Temos ainda um programa que pretendemos incrementar no IEL que é o Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF). Considero esse programa muito importante para o Estado. Temos grandes empresas com interesse em se instalar no Estado. Muitas vezes, essas empresas já têm seus fornecedores fora de Goiás, se instalam aqui, mas continuam realizando suas compras em outras regiões. Há dois anos, fui a Itumbiara entregar o diploma de formação de um grupo de empresas que participaram do PQF. O que ouvi foi que essas empresas, algumas até já quase desaparecendo, conseguiram atingir melhoria muito grande em sua situação financeira, gerando empregos e renda. Por que? Porque se qualificaram e passaram a contar com um comprador para seus produtos e serviços. As indústrias se sentiram beneficiadas e aderiram ao programa porque antes tinham de se abastecer de insumos, peças, materiais e serviços em Minas Gerais, em São Paulo. O programa traz maior tranquilidade para as grandes indústrias. As empresas de menor porte passam a contar com um fluxo contínuo de encomendas, assegurando sua viabilidade econômica. Queremos incrementar o programa.

Goiás Industrial – Essa exigência de qualificação de fornecedores não poderia ser adotada, por exemplo, na fase de análise de projetos que vão receber incentivos fiscais do Estado, para que suas compras sejam centralizadas em fornecedores locais?

Pedro Alves de Oliveira – Esse ponto já está em estudos por nossa assessoria econômica. A ideia é formatar um projeto, a ser apresentado ao governo eleito do Estado, que prevê pontuação diferenciada para empresas beneficiárias dos programas de incentivo quando realizam compras de fornecedores do Estado, treinados aqui pelo Sistema Fieg. Vamos propor que o governo estadual insira, entre os critérios de avaliação de projetos para enquadramento no Produzir e Fomentar, a exigência de compras de fornecedores locais qualificados pelo PQF. Ninguém será prejudicado por isso. Ao contrário, todos ganharão.

Goiás Industrial – Há outras vantagens do PQF para a economia?

Pedro Alves de Oliveira – Quando você capacita uma pequena empresa para fornecer para uma grande, ela dá um salto de qualidade e de eficiência e começa a conquistar mercados que não tinha. Há um impacto na gestão, na qualidade do produto, nos custos de produção. O programa cria competitividade nessas empresas, permitindo que busquem outros mercados e ampliem seu portfólio de clientes, e tem um efeito multiplicador muito grande.

Goiás Industrial – Quais as propostas para o ICQ Brasil?

Pedro Alves de Oliveira – A questão da certificação ganha importância crescente para as empresas, ao promover um alinhamento de forma eficiente com o restante do mercado, qualificando-as para enfrentar a competição. O instituto tem avançado muito e vamos dar apoio para que desenvolva seu trabalho, assim como vamos incentivar as empresas para que participem de projetos de qualificação e certificação.

"O investimento público (em P&D) ainda será predominante, na faixa entre 0,7% e 0,8%, o que já nos aproxima do padrão de investimento público dos países centrais"

Goiás Industrial – Qual será o papel dos conselhos temáticos?

Pedro Alves de Oliveira – Esse é um dos pontos que queremos valorizar muito na nossa gestão. Os conselhos temáticos condensam assuntos que são comuns às vezes a diversos segmentos da indústria. Isso dará um suporte fundamental às ações da federação. Devemos trabalhar, também, no sentido da preservação ambiental. Mas torna-se necessário entender que o País precisa desenvolver-se e que a preservação ambiental não pode ser um impedimento ao atendimento das necessidades da população. Temos de trabalhar para alcançar um equilíbrio entre a produção industrial e o respeito ao meio ambiente.

Goiás Industrial – Qual foi a primeira demanda que o sr recebeu já como presidente da Fieg?

Pedro Alves de Oliveira – Recebemos um primeiro pedido no início de nosso trabalho que partiu da liderança dos trabalhadores na indústria. O presidente da federação, sr Luis Lopes, reivindicou empenho na construção da unidade de lazer de Caldas Novas. Já temos a área lá e vamos tentar viabilizar a construção dessa unidade. Recebemos manifestações das federações de Minas Gerais e do Distrito Federal até para participar desse projeto porque os trabalhadores daquelas regiões também frequentam Caldas Novas. Vamos estudar essa parceria, o que talvez

possa facilitar a implantação desse projeto, e buscar uma maneira legal para realizar isso. A legislação do setor determina a criação de uma empresa mineral para explorar a água e isso criou um impasse jurídico que está sendo estudado, porque o Sesi não poderia explorar esse recurso mineral de forma direta.

Goiás Industrial – A questão da inovação ocupa, neste momento, o foco das atenções da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e há um projeto de instalação de um núcleo de inovação em Goiás. Qual a atenção que esse projeto vai merecer em sua gestão?

Pedro Alves de Oliveira – As indústrias terão de adotar a inovação porque a competição é cada vez maior e as empresas terão de inovar e aprimorar a tecnologia que utilizam em produtos e processos. A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) dispõe de recursos e é uma questão até de fomentar as empresas para que utilizem esses financiamentos para avançar no campo da inovação. Vamos acionar instituições como a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás (Fapeg) para viabilizar o desenvolvimento tecnológico e as inovações. A criação do núcleo está sendo trabalhada. Foi publicado recentemente um edital para financiar a instalação de um núcleo de inovação em Goiás e a Fieg é um dos articuladores desse núcleo, juntamente com universidades, Sebrae e outras instituições, numa associação pensada exatamente para fortalecer institucionalmente essa unidade.

"Vamos propor que o governo estadual insira a exigência de compras de fornecedores locais qualificados pelo PQF (para concessão de incentivos)"

Goiás Industrial – Isso deverá permitir mais aproximação entre o mundo acadêmico e o mercado?

Pedro Alves de Oliveira – O grande desafio, quando se fala sobre essa questão da tecnologia, é exatamente trazer a universidade para dentro das empresas e levar as empresas para dentro da universidade, porque ainda hoje há certo preconceito nessa área. Estamos trabalhando de forma articulada e o núcleo vai sair como resultado dessa parceria.

Goiás Industrial – Como deverá evoluir, no Estado, o Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi)?

Pedro Alves de Oliveira – Esse programa é resultado de uma parceria entre a CNI e o Sebrae, com recursos das duas instituições e contrapartida das empresas e da federação, responsável pelo gerenciamento do projeto. Devemos participar com cinco ou seis projetos, envolvendo sindicatos da indústria e a participação mínima de 25 empresas. Goiás teve um ótimo desempenho nos últimos projetos e estamos com cacife para captar muitos recursos este ano. Nesse trabalho com o Sebrae, a federação pretende estar sempre interagindo com o órgão visando viabilizar micro e pequenas empresas.

Goiás Industrial – Qual a programação para o Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA) daqui para frente e qual sua importância no processo de fortalecimento dos sindicatos?

Pedro Alves de Oliveira – O programa não conseguiu ainda um nível de participação muito elevado, mas os sindicatos que participaram, com

toda certeza, estão em condições de fortalecer sua atuação e exercer suas funções específicas com maior eficiência e qualidade. O sindicato existe para criar condições favoráveis ao desenvolvimento do segmento que representa. Vamos dar continuidade ao PDA, que é um programa da CNI em parceria com as federações da indústria, e vamos estabelecer meios para estimular a participação efetiva dos sindicatos. Cada vez mais, as entidades representativas do setor têm de aprimorar os serviços prestados às empresas, atraindo novos filiados e ampliando a base sindical.

Goiás Industrial – Como a nova gestão pretende incrementar o PDA?

Pedro Alves de Oliveira – Como disse, precisamos motivar os sindicatos a participar efetivamente do programa. Quando propomos uma gestão compartilhada, nossa proposta é também trocar ideias com os sindicatos para identificar o que pode ser feito para atingir esse objetivo. A própria disputa eleitoral alertou os sindicatos para a necessidade de ter uma atuação mais dinâmica e de estar melhor estruturado. Talvez isso ajude a alavancar o PDA.

Goiás Industrial – De que forma deverá se dar a relação entre a Fieg e os governos estadual e federal durante os próximos quatro anos?

Pedro Alves de Oliveira – Para o bem desse País, tanto a União, quanto o Estado e os municípios precisam entender que deve haver uma interação com o setor produtivo. O Brasil hoje surge como um ícone do mundo inteiro, que está até assustado com o potencial de nosso País. É necessário que as autoridades constituídas tomem consciência desse potencial e, para que isso seja alavancado, é preciso uma interação com o setor produtivo de maneira geral. Acho que a interlocução das entidades representativas do setor produtivo com o poder público é altamente salutar para a sociedade em geral. Veja o exemplo de Goiás. Aqui, nos últimos anos, a economia estadual teve crescimento acima da média brasileira. Podemos, sem sombra de dúvida, atribuir isso a essa interrelação que houve entre o poder público estadual com as instituições reunidas no Fórum das cho que essa é uma maneira moderna de gestão pública, que envolve a participação de empresas privadas na construção da infraestrutura de nosso Estado. Temos grandes problemas nesta área. Nossas rodovias, não só as principais, mas também as vicinais, têm de ser melhoradas. A solução do problema gravíssimo da Celg, que afeta o suprimento de energia para toda a economia, terá todo o apoio da Fieg, porque essa questão começa a emperrar o crescimento do Estado. Além desses, enfrentamos as deficiências de nosso aeroporto, que precisam ser resolvidas. Vamos trabalhar institucionalmente para apressar as soluções a todas essas questões. E devemos, também, identificar todas as demandas dos polos industriais do Estado para que possamos agir com o poder público e melhorar as condições desses polos. O estudo sobre o assunto já está inserido entre

"Não tenho dúvida de que a economia de Goiás dará um novo salto, projetando-se nacionalmente, por meio do aprimoramento dessa relação entre governo e setor produtivo"

Goiás Industrial – Pode se esperar algum avanço no setor de infraestrutura de transportes?

Pedro Alves de Oliveira – Um fator que deverá ser um divisor de águas para o Estado é a Ferrovia Norte-Sul, que será um marco fundamental para o desenvolvimento social e econômico do Estado. Ela demanda certo tempo para conclusão, porque não basta colocar os trilhos. Temos de instalar meio do Canal do Panamá. A ferrovia será um marco, como foi a construção de Brasília e a mudança da capital federal para o Centro-Oeste. ■

Da sala de aula para o emprego

Gustavo Viscal, arte-finalista na gráfica Formato: "O Senai abriu as portas para o emprego e o curso me preparou para o trabalho"

O projeto de articulação entre ensino médio e profissional deu tão certo que foi ampliado para outras unidades do Sesi/Senai, com abertura de mais 800 vagas

■ *Andelaide Lima*

Experiência implantada pelo Sesi e Senai Goiás há três anos, em Goiânia e Anápolis, o ensino médio integrado com a educação profissional forma em dezembro suas primeiras turmas. De 151 concluintes, 117 fazem estágios em 57 empresas, com boas perspectivas de contratação, e dois já estão empregados. O alto índice de empregabilidade é comprovado em pesquisa realizada no ano passado pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), cujos dados mostram que 80% dos egressos de cursos técnicos do Senai Goiás são absorvidos pelo mercado de trabalho.

Os bons resultados motivaram a ampliação do projeto de articulação entre a Educação Básica e a Educação Profissional (Ebep) e a nova modalidade de ensino foi estendida neste ano às unidades de Aparecida de Goiânia, Rio Verde, Catalão, Itumbiara, Niquelândia e Minaçu, com abertura de mais 800 vagas. Aprovados pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), os cursos articulados têm três anos de duração, mais estágio curricular. Os concluintes saem com o ensino médio e curso profissionalizante completos, com habilitação nas áreas de manutenção mecânica, alimentos, artes gráficas, eletrotécnica, eletromecânica e química.

Colocação garantida

Gustavo Viscal Soares, de 17 anos, ainda estava no segundo ano do ensino articulado em artes gráficas, ministrado pela Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, quando conseguiu estágio na gráfica Formato, em 2009. Logo após a conclusão da prática, ele foi contratado para trabalhar como designer na empresa, onde, no momento, atua como arte-finalista. Feliz com a profissão, Gustavo diz que se tivesse optado pelo ensino médio convencional provavelmente ainda não estaria no mercado. "O Senai abriu as portas para o emprego e o curso me preparou para o trabalho. Fiz a escolha certa, agora só quero crescer na minha área."

Para tanto, o primeiro passo já foi dado. Gustavo ficou em terceiro lugar na ocupação de design gráfico na etapa escolar da Olimpíada do Conhecimento, competição realizada durante o Senai Casa Aberta, evento promovido de 4 a 8 de outubro em todas as unidades da instituição. "Estou buscando me aperfeiçoar na profissão e a conquista da medalha de bronze é uma mostra de que meus objetivos serão alcançados", acredita.

Entusiasmado com a medalha conquistada pelo irmão, Rodolfo Viscal Soares, de 18 anos, também concluinte do ensino articulado em artes gráficas, conta que há quatro meses faz estágio na Poligráfica e vive expectativa de contratação. "Estar no Senai facilita o acesso ao mercado, porque a instituição é referência em formação para o trabalho."

Com 90% de seu quadro de funcionários formado por ex-alunos do Senai, Leopoldo Moreira, dono da Gráfica e Editora Formato, afirma que o ensino articulado em artes gráficas amplia a oferta de mão de obra qualificada para as indústrias do setor.

“Descubro defeito apenas pelo barulho do motor”

Aluno do terceiro ano do ensino articulado em manutenção mecânica, da Escola Senai Vila Canaã, Pablo Ramon Pazchenco, de 18 anos, trabalha como mecânico há oito meses no Grupo Saga, concessionária da marca Volkswagen. “A empresa só efetiva os estagiários após um ano de experiência, mas fui contratado com apenas cinco meses de estágio”, conta. O talento nato de Pablo foi lapidado durante o curso e a prática profissional. Hoje, ele diz que consegue descobrir o defeito em um carro apenas pelo barulho do motor.

“Sou apaixonado pela instituição porque ela me ensinou a ser uma pessoa melhor em todos os aspectos”

Pablo Ramon Pazchenco, aluno do terceiro ano do ensino articulado em manutenção mecânica, contratado pelo Grupo Saga

“Desde pequeno montava e desmontava carrinhos. Vim fazer o curso no Senai porque o mercado dá preferência pela formação técnica, mas aqui descobri um mundo novo. Sou apaixonado pela instituição, porque além do aprendizado profissional, ela me ensinou a ser uma pessoa melhor em todos os aspectos”, valoriza.

O jovem mecânico diz ainda que a integração entre o ensino médio e a educação profissional tornou sua formação mais ampla. “O curso é bastante abrangente, as disciplinas se complementam e os docentes são de alto nível.”

A teoria, na prática

Nádia Oliveira Cabral, estagiária na Musa Sabor & Saúde: ótimas chances de contratação

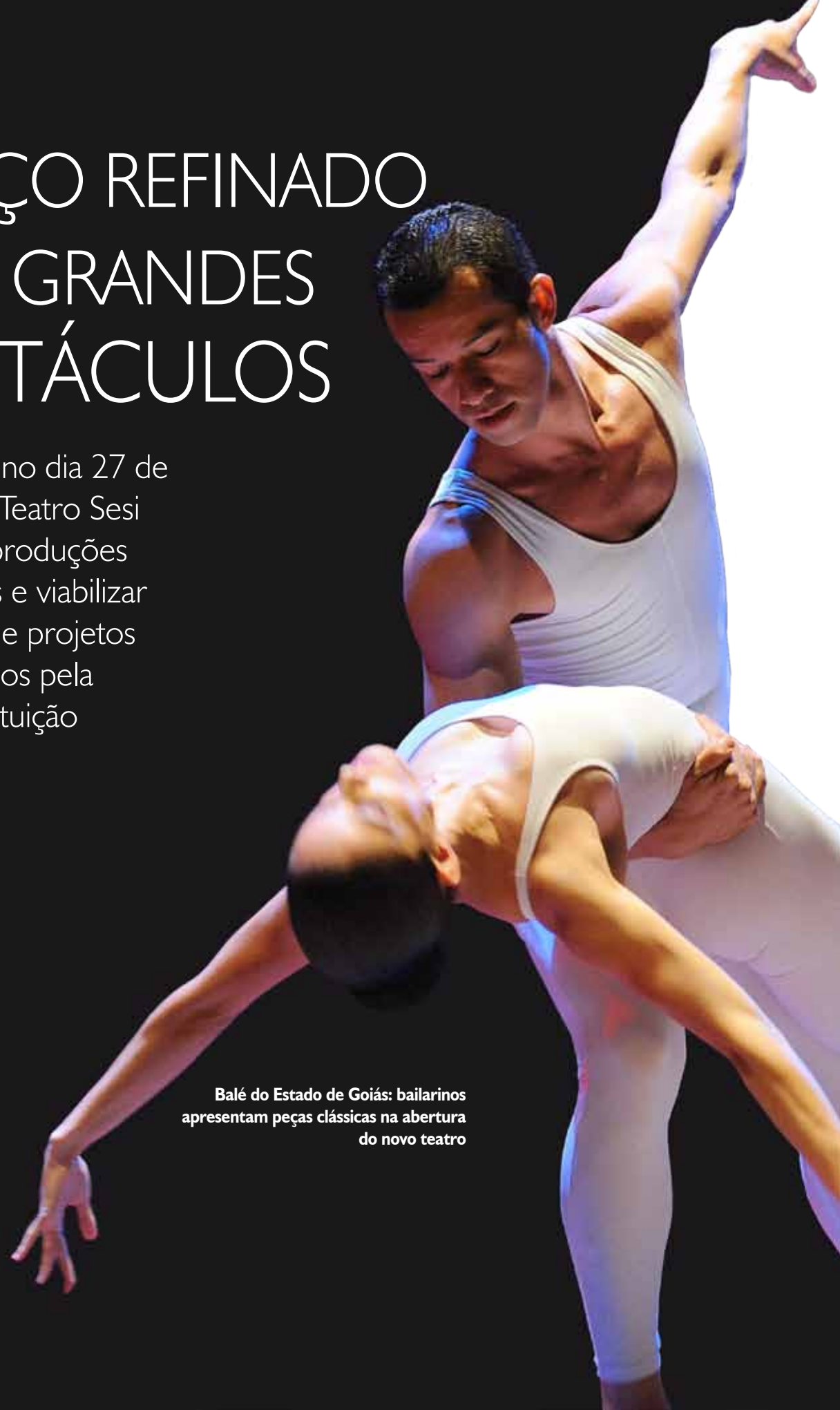
Alexandre Vinícius Neri, concluinte do ensino articulado em artes gráficas e estagiário na Poligráfica

Estagiário na Poligráfica e concluinte do ensino articulado em artes gráficas, Alexandre Vinícius Neri, de 17 anos, também compartilha da opinião de Pablo Pazchenco. Para ele, o curso é superior aos demais porque permite a aplicação do aprendizado teórico, além de integrar conteúdos do ensino médio normal, o que facilita o acesso ao mercado de trabalho.

Nádia Oliveira Cabral é aluna da primeira turma do ensino articulado em alimentos, da Escola Senai Vila Canaã, e estagiária na Musa Sabor & Saúde, indústria especializada na fabricação de barras de frutas desidratadas e uma das vencedoras da 7ª edição do Edital Senai Sesi de Inovação – destinado ao desenvolvimento de pesquisas de produtos e processos industriais e de inovação social. “Estou muito feliz com o estágio e pela oportunidade de colocar meus conhecimentos em prática”, diz.

ESPAÇO REFINADO PARA GRANDES ESPETÁCULOS

Inaugurado no dia 27 de outubro, o Teatro Sesi vai abrigar produções profissionais e viabilizar ampliação de projetos desenvolvidos pela própria instituição



Balé do Estado de Goiás: bailarinos apresentam peças clássicas na abertura do novo teatro

■ *Valbene Bezerra*

Após uma semana inteira de festividades, o Centro Cultural Sesi consolida-se como importante espaço para a cultura goiana e os projetos sociais do Serviço Social da Indústria, instituição do Sistema Fieg. Desde o dia 27 de outubro, quando as cortinas foram oficialmente abertas, o Teatro Sesi tem recebido importantes grupos de artistas, como a Quasar Cia. de Dança, conceituado grupo de dança contemporânea, o concertista gaúcho Miguel Proença e a Orquestra de Câmara Goyazes, tornando-se em pouco tempo um marco para a música popular e erudita, o teatro e a dança, o circo e as artes plásticas.

O concerto de gala com a Orquestra de Câmara Goyazes, sob a regência do maestro Eliseu Ferreira, marcou a inauguração, que teve a presença de artistas, jornalistas, empresários, líderes sindicais, autoridades e políticos, como o governador Alcides Rodrigues. Especialmente produzido para a ocasião, o concerto reuniu no palco, pela primeira vez, nove convidados da música erudita e MPB, dança, circo e teatro. As boas-vindas às centenas de convidados do Sesi foram dadas pelos atores da Cia. de Teatro Carlos Moreira com alegria e irreverência, ressaltando o clima de magia e encantamento que envolve o mundo dos espetáculos.

Acompanhada do violonista Luiz Chaffin, Maria Eugênia cantou o Hino Nacional Brasileiro emocionando os presentes. Logo após, o então presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, que se despedia do cargo, falou sobre a importância do Centro Cultural Sesi para o trabalhador da indústria. Trata-se, segundo ele, de uma iniciativa que celebra os resultados positivos obtidos pelo Sistema Fieg nos últimos dez anos.

O empresário ressaltou a preocupação do Sesi com a qualificação, a formação profissional e a valorização da cidadania do trabalhador. "O Sesi é rico em talentos no setor artístico. O Centro Cultural vai complementar atividades como os Festivais de Dança e dos Violeiros, e o concurso Arte Criatividade. Queremos trazer o trabalhador para ver esses trabalhos", destacou o ex- presidente da Fieg, para quem "toda pessoa tem direito ao lazer e à cultura."

Descerrada a placa inaugural, os artistas ocuparam o palco, sob a batuta do maestro Eliseu Ferreira. No repertório, música erudita com Michel Silveira, Vanessa Bertolini, Wanessa Rodrigues e o violinista Tierry de Lucas Neves, e popular com Cláudia Vieira, Débora di Sá e o violeiro Marcus Biancardini. Performances de balé clássico e contemporâneo com o Balé do Estado de Goiás e Quasar Cia. de Dança costuraram o repertório, que mesclou a irreverência do circo à magia do teatro e da música, arrebatando a plateia. Responsável pela concepção artística, Tetê Caetano, da Cia. Aérea Viver Como Quem Se Arrisca, de Goiânia, integrou os diferentes gêneros da arte com muita competência. Cláudia Fernandes cuidou de cada detalhe da produção. Diretor de Atividades Fim do Sesi (Lazer, Saúde, Educação e Responsabilidade Social), Teco Faleiro coordenou a equipe de produção e acompanhou de perto os trabalhos.

Lu Barcelos

Em grande estilo: a premiada Quasar Cia. de Dança estreia a coreografia *Tão Próximo* no espaço do Sesi

Dança e música erudita

Filas enormes se formaram para as apresentações da nova coreografia da Quasar Cia. de Dança Tão Próximo, que estreou no Teatro Sesi, nos dias 29 e 30 de outubro. Cadeiras extras foram providenciadas e, mesmo assim, os ingressos acabaram em pouco tempo. Todos queriam ver a mais recente criação da companhia, fundada em Goiânia em 1988 por um grupo de bailarinos, entre eles o coreógrafo Henrique Rodovalho e a diretora artística Vera Bicalho.

Tão Próximo faz uma abordagem sobre os relacionamentos, a proximidade do outro e das muitas possibilidades das relações pessoais. Movi mentos ousados e instigantes ressaltam as situações limítrofes a que o ser está sujeito quando se relaciona com o outro. Os corpos se tocam, se envolvem, se entrelaçam numa dança de tirar o fôlego.

Um dos mais conceituados pianistas brasileiros, Miguel Proença encerrou o programa inaugural com um concerto com Homenagem a Chopin, no domingo, 31 de outubro. Apesar do feriado prolongado de Finados e do segundo turno das eleições, o teatro recebeu um grande público interessado em ouvir o exímio pianista gaúcho, que percorre o País pela sexta vez com o projeto Piano Brasil.

Além das magníficas composições de Chopin, Proença homenageou os candidatos eleitos tocando o Hino Nacional com arranjo especial. O nascimento do primeiro neto, Leonardo, foi saudado com a Melodia de Orfeu, de Gluk. O pianista elogiou o espaço teatral do Sesi e desejou pleno sucesso ao mais novo teatro de Goiânia. "O público é o grande parceiro da música erudita, que, sem dúvida, precisa de incentivo e mais eventos desse nível", ressaltou o artista, lembrando a tradição da cidade de exportar grandes talentos musicais.

"O teatro é bonito, aconchegante e tem uma acústica perfeita. Tem todos os equipamentos indispensáveis para a música. Só falta um piano de cauda inteira", afirmou.

Erudito e popular: concerto de gala da Orquestra de Câmara Goyazes e músicos convidados

Placa inaugural: autoridades e lideranças da indústria abrem oficialmente o novo centro de cultura do Estado

Maria Guilhermina estreia galeria

Paulo Afonso, Alcides Rodrigues, Pedro Alves e Maria Guilhermina: primeira convidada a ocupar a galeria do Centro Cultural Sesi

Destaque da arte brasileira no exterior, a escultora Maria Guilhermina é a primeira convidada a ocupar a galeria do Centro Cultural Sesi. Até o dia 22 de dezembro, ela expõe 24 obras de diversos tamanhos, confeccionadas em pau-brasil e esteatita (pedra-sabão). Formas harmoniosas e elegantes predominam nas esculturas de Guilhermina, cuja obra, segundo o crítico Jacob Klintowitz, associa-se ao espaço, dinamiza o entorno e passa a fazer parte dele, elevando-se e tornando-se única, como uma nova presença no mundo.

Para facilitar a compreensão do espectador, a artista preparou uma mesa didática com a exposição de folhas, tronco e lascas de pau-brasil, madeira nobre de cor avermelhada que deu nome ao País, e da pedra bruta da qual extrai as formas harmônicas e elegantes de suas esculturas. Preocupada com a preservação da natureza muito antes do assunto virar moda, a artista utiliza pedaços de madeira derrubada ou queimada e certificada pelos órgãos competentes. Folhas, pássaros, pombos, coruja, jaburu e peixe compõem a maior parte das peças da artista, que esculpe na pedra cenas de amor filial, do carinho de mãe pelo filho, nos seios que amamentam, no nascimento do ser e nas emoções maternas.

Em setembro de 2010, Guilhermina mostrou na França as esculturas agora expostas no Teatro Sesi. Entre os 45 artistas de 14 países, ela foi a única a expor uma de suas esculturas na entrada do sofisticado castelo Château D´Auvers-Sur Oise. Confeccionada em pau-brasil, "Chama Gaston Bachelard" abriu a coletiva, destacando-se pela beleza das formas e a técnica perfeita da artista, que nasceu em Conquista (MG), mas veio para Goiânia com dois anos de idade, acompanhando o pai, pioneiro da nova capital.

Espaço teatral

Projeto arquitetônico de Ciro Lisita Arantes, o Teatro Sesi foi construído em área privilegiada de 2.670 m2, ao lado do tradicional Clube Antônio Ferreira Pacheco, no Setor Santa Genoveva. O espaço abre as cortinas como mais uma opção para os artistas. São 600 lugares, oito camarins, seis salas para oficinas, workshops e cursos, além de mais de 300 vagas de estacionamento.

Em um ambiente de luzes, cores, sons e movimento, o enorme público que prestigiou as produções em cartaz na semana inaugural puderam avaliar a importância do local para a realização de eventos direcionados aos trabalhadores da indústria e a públicos de todos os níveis sociais. Estimular o senso crítico do espectador e o gosto pela cultura também são objetivos a serem conquistados, assim como a ampliação das ações desenvolvidas pelo Sesi e o desdobramento de suas atividades relacionadas à arte e à cultura.

Corrida contra a exclusão

A despeito do avanço já observado nesta área, preconceito ainda barra a entrada de pessoas com deficiência no mercado de trabalho

■ *Edilaine Pazini*

Motivação: jogos, eventos e festejos preparam deficiente para conviver no ambiente de trabalho

Para demonstrar a importância da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, ainda alvo de muitas barreiras, o Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás, por meio do Sesi e do Senai, reuniu empresários e gestores de indústrias goianas, em encontro no Clube Antônio Ferreira Pacheco, dia 23 de outubro.

Procuradora do Trabalho, Janilda Guimarães de Lima abordou em palestra o tema Empregabilidade e Formação Profissional da Pessoa com Deficiência. Segundo ela, mesmo com a Lei de Cotas, cerca de 90% das empresas não realizam contratações de pessoas nessa condição. Com base na experiência do Ministério Público, Janilda afirma que o grande obstáculo ainda é o preconceito.

"Temos de tentar fazer com que as empresas se mobilizem para aceitar essas pessoas, para depois trabalharmos a acessibilidade e qualificação, que também são obstáculos a serem superados", diz a procuradora. Ela explica que o empregado com deficiência não leva para a empresa apenas sua produtividade, mas também uma mudança de paradigma. "Ele estando dentro da empresa faz com que todos os trabalhadores percebam suas limitações e se comprometam mais com a empresa", ressalta.

Além disso, Janilda alerta para a responsabilidade social, que é obrigação do indivíduo, empresário e Estado. "Precisamos manter a sociedade harmoniosa", pondera. Na ocasião, a procuradora enalteceu a iniciativa do Sesi e Senai, parceiros do Ministério Público.

Responsabilidade social

Com total de 1.900 colaboradores, o Laboratório Teuto mantém em seu quadro 52 portadores de necessidades especiais e quatro com déficit intelectual. Para o grupo, a inclusão não deve ser feita apenas para cumprir a cota prevista por lei, que varia de 2% a 5%, dependendo do número de funcionários, mas também pela responsabilidade social.

O gerente de Recursos Humanos da Teuto, Marco Aurélio de Assis Cardoso, conta que alguns trabalhadores com deficiência chegam a alcançar um nível de produtividade até maior que o de outra pessoa.

"Às vezes, eles são mais esforçados e só dependem da adaptação no local de trabalho", diz o gerente.

Cardoso considera a promoção do encontro uma forma de estabelecer maior vínculo com a causa e obter suporte para tratar melhor o assunto. Ele reconhece que, apesar de algumas empresas se comprometerem com a causa, como no caso da Teuto, ainda existe no mercado de trabalho um grande preconceito. Além disso, Cardoso aponta a falta de formação profissional das pessoas com deficiência.

O gerente de Recursos Humanos da Mabel, Mozart Ribeiro de Sousa, afirma que a empresa primeiramente deve preparar sua equipe para receber as pessoas com deficiência. Ele exemplifica que o grupo já investe em cursos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para propiciar maior integração entre todos os colaboradores. A Mabel possui em seu quadro de funcionários 91 pessoas com deficiência, distribuídas em suas cinco fábricas. Ribeiro ressalta que a empresa contrata pessoas com necessidades especiais desde 1989, antes mesmo da legislação.

Já a Equiplex possui um programa estruturado para pessoas com deficiência, que inclui a qualificação básica e técnica desses profissionais, segundo o gerente de Recursos Humanos da empresa Wendel Alves Lacerda. De um total de 500 colaboradores, a Equiplex possui 17 com alguma deficiência. Lacerda observa que, quando o colaborador não se adapta em determinada área, ao invés do desligamento, ele é encaminhado para outro departamento, até se encaixar no quadro.

Sistema dobra atendimento

- Assessora técnica da Gerência de Educação Profissional do Senai, Margareth de Castro Tomazett, lembra que o Sesi e Senai mantém turmas de qualificação para pessoas com deficiência. A Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida e a Faculdade de Tecnologia Senai de Desenvolvimento Gerencial oferecem o curso de auxiliar administrativo, com 160 horas. Ela acrescenta que os interessados também podem se inscrever nas outras turmas de cursos de preparação profissional das instituições.
- O número de alunos com deficiência deverá crescer mais de 100% em 2010, se comparado com 2009. No ano passado, foram 200 alunos atendidos na instituição, diante de 235 apenas entre janeiro e julho deste ano.
- Integrante do Sistema Fieg, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) disponibiliza o programa Empregando Talentos, no qual pessoas e empresas podem se cadastrar gratuitamente para anunciar ou conquistar vagas no mercado de trabalho. Atualmente, o site *(www.empregandotalentos.com.br)* está com oferta de 32 vagas para portadores de necessidades especiais.

Janilda Lima, procuradora do Trabalho: esforço para mobilizar empresas

Jogos ajudam na preparação para o trabalho

O encontro sobre Empregabilidade e Formação Profissional foi realizado paralelamente à 3ª edição dos Jogos Paradesportivos das Associações Pestalozzi e Entidades Convidadas. Mais de 600 alunos/atletas de dois Estados, 11 cidades e 20 entidades participaram do evento. O coordenador geral da competição, José Guedes, afirma que, além de proporcionar a integração dos alunos para concretizar o trabalho feito nas instituições, os jogos são uma ferramenta para preparar a pessoa com deficiência para o mercado de trabalho, já que o evento trabalha a independência e autonomia, a partir do momento que o aluno fica ausente do ambiente familiar.

Outra vertente é a descoberta de talentos esportivos. Portador de síndrome de Down, Willian Neiva de Queiroz, de 22 anos, conquistou medalha de ouro na natação. Seu time de futsal também foi campeão nos jogos. A mãe dele, Maria Deusa de Queiroz, conta que após começar a praticar esportes, o filho ficou mais calmo e se adaptou com as crianças da escola. Willian estuda na escola Maria Rita. Mesmo não sendo um estabelecimento voltado para pessoas com deficiência, Deusa conta que seu filho convive normalmente com a rotina da escola.

Edvaldo Moreira de Sousa é outro exemplo de superação. O fato de ser portador de deficiência intelectual não o impediu de correr atrás de seus objetivos. Ele trabalha há um ano na área de serviços gerais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Anápolis (Apae), onde conheceu sua esposa, Janaína Mathias Alves. Os dois resolveram se casar. Edvaldo conta que ajuda bastante em casa, inclusive nos afazeres domésticos. “Faço compras para casa também e não deixo faltar nada para ela”, conta, orgulhoso. Evaldo é assistente técnico do time de futsal em que Janaína joga. Ele afirma ser apaixonado por seu emprego e que já chegou a tentar trabalhar em outras duas empresas, um frigorífico e uma confecção, mas sentiu falta dos colegas da Apae e voltou.

Edvaldo Sousa, da Apae, e Janaína Alves: uma história de superação

Willian, 22 anos: medalha de ouro na natação e campeão no futsal

De prorrogação em prorrogação

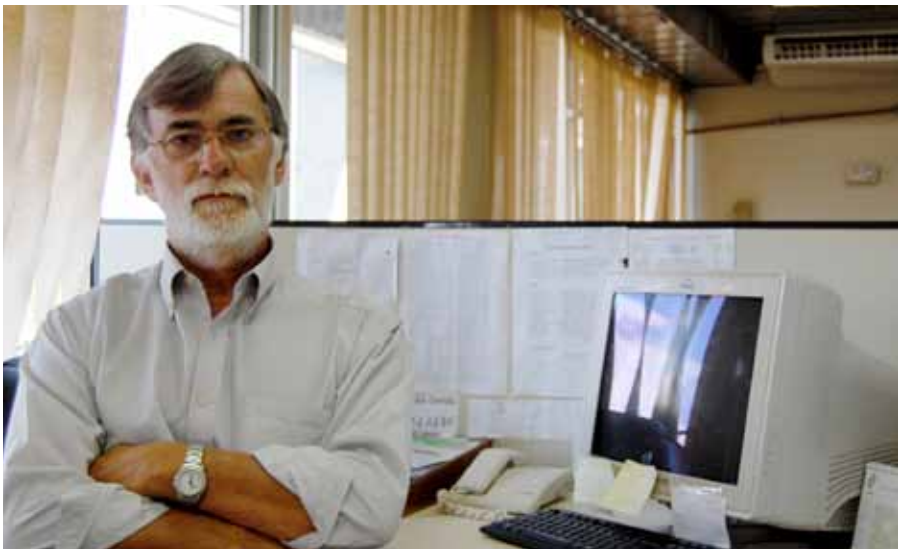
Prazo para empresas armazenadoras certificarem 1/4 de suas unidades termina em dezembro e pode não ser cumprido pelo setor

Ao longo das últimas 20 safras, Goiás avançou da quinta para a quarta colocação no ranking brasileiro dos maiores produtores de grãos, respondendo por quase 9% do crescimento da produção agrícola realizada por todo o País nesse período. O Estado colheu sua maior safra no ciclo encerrado em junho passado, correspondente a quase 13,5 milhões de toneladas, num salto de 161,5% frente às 5,15 milhões de toneladas produzidas em 1990/1991. A participação goiana, numa coincidência estatística, também chegou a 9% da safra brasileira colhida neste ano, que atingiu o recorde de 148,83 milhões de toneladas, num avanço de 157% em duas décadas.

Os dados demonstram a importância relativa da atividade para a economia estadual e reforçam a necessidade de se acelerar o processo de certificação dos armazéns, como forma de assegurar maior qualidade à produção do Estado, reduzir perdas e driblar barreiras no mercado internacional de grãos. "Conceitualmente, a certificação é o reconhecimento fornecido por uma entidade habilitada de que uma armazenadora cumpre com os requisitos técnicos, procedimentos operacionais e documentação exigida por lei. Ela traz regulação técnica e operacional a todo o setor, melhora a profissionalização, nivela as empresas por cima e agrega credibilidade ao sistema", afirma Pedro Beskow, que coordena a Comissão Consultiva do Sistema Nacional de Certificação de Unidades Armazenadoras.

Empresas armazenadoras: exigências mais brandas para incentivar enquadramento à legislação

Prorrogados mais uma vez no início deste ano, ainda assim os prazos para certificação das unidades armazenadoras poderão não ser cumpridos novamente. "Nem mesmo as unidades da Conab vão conseguir se adequar a tempo. Não vai ser possível cumprir os prazos", afirma Pérsio Orcy Costa Schervenske, superintendente executivo do Sindicato de Armazéns Gerais do Estado de Goiás (Sagg).



"Certificação agrega credibilidade ao sistema"

Pedro Sergio Beskow, coordenador da Comissão Consultiva do Sistema de Certificação

Rastreabilidade, a meta

Em debate há mais de dez anos, o sistema nacional de certificação foi pensado, desde o início, como uma ferramenta essencial para atingir a rastreabilidade integral dos produtos agrícolas. "É fundamental conhecer a qualidade dos produtos e os procedimentos que são adotados numa estrutura armazenadora. Ajuda nas transações com o mercado nacional e internacional se você puder demonstrar que o Brasil possui regras para o setor armazenador que possibilitam rastrear tudo o que houve com o produto enquanto este permaneceu sob a guarda de um armazenador", comenta Pedro Beskow, da Conab.

Atualmente, estão credenciados pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) 14 organismos de certificação de produtos e outros três ou quatro estão processo final de acreditação pelo Inmetro, de acordo com Beskow. Entre outros, a equipe técnica do ICQ Brasil já atua no setor e está preparada para atender à demanda, que deve ser maior neste final de ano devido aos novos prazos fixados pelo Mapa. Devidamente acreditado pelo Inmetro, o ICQ Brasil está escalado entre as certificadoras responsáveis por auditar unidades de armazenagem e conferir a adequação dos documentos apresentados por essas empresas.

Em torno de 300 a 350 empresas de armazenagem já estariam certificadas, até o momento, com destaque para as maiores do setor agrícola, e mais de 500 delas já teriam contratado algum organismo responsável pela certificação. "O processo (de certificação) intensificou-se a partir deste segundo semestre", constata Beskow. Em razão da concorrência mais acirrada, o especialista anota uma redução relativa dos custos da certificação para as empresas armazenadoras, o que poderá estimular maior adesão às normas do sistema.

Mais três anos de prazo

Em 29 de maio de 2000, a Lei 9.973 criou o Sistema Nacional de Certificação de Unidades Armazenadoras, regulamentado em 3 de julho do ano seguinte pelo decreto 3.855. Um primeiro prazo para enquadramento das empresas do setor no sistema venceu em 1º de janeiro de 2009 e foi prorrogado, por razões técnicas, para dezembro do mesmo ano. Uma nova instrução normativa, baixada em 8 de janeiro de 2010 pelo Mapa, adiou o prazo para dezembro deste ano e abrandou algumas exigências para fazer o processo decolar. Segundo a Instrução Normativa nº 03/2010, as empresas terão de certificar pelo menos 25% de sua capacidade estática ou 25% do número de estabelecimentos inscritos no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) até 31 de dezembro deste ano. O processo deve ser concluído até 31 de dezembro de 2013, prevendo-se a certificação consecutiva, a cada dia 31 dezembro, do correspondente a 1/4 da capacidade instalada.
As empresas com um único registro no CNPJ ou apenas um centro de distribuição avançado (CDA) poderão certificar a unidade até 31 de dezembro de 2013. Aquelas com duas unidades terão de certificar uma delas em 31 de dezembro de 2012 e a segunda na mesma data do ano seguinte.

O caminho da certificação

Num primeiro passo para conseguir a certificação, os armazéns precisam estar cadastrados na Conab. Em seguida, deverão proceder à adequação de toda sua estrutura e à capacitação de seu pessoal e buscar um organismo de certificação de produtos (OCP) acreditado pelo Inmetro, que deverá verificar se os requisitos técnicos recomendados e obrigatórios foram seguidos.
A capacitação de pessoal, a manutenção de um responsável técnico que realmente supervisione a unidade de armazenagem e a instalação de equipamentos de termometria, aeração e exaustão, com controles estritos dos níveis de umidade, e a adoção de sistemas de monitoramento e controle de pragas, micotoxinas e de resíduos tóxicos, além de outros, figuram entre as exigências da instrução normativa. A intenção é que os armazéns possam oferecer uma leitura completa de tudo o que acontece dentro da unidade durante o período de estocagem dos grãos, o que permitirá corrigir problemas, evitar perdas e assegurar a qualidade do produto armazenado.
Dentro do conceito de rastreabilidade, em voga nos principais mercados importadores de grãos, a empresa de armazenagem deverá ter condições, por exemplo, de apresentar relatórios sobre as operações realizadas, indicar como foram efetuados os tratamentos fitossanitários, quais as dosagens aplicadas aos produtos e o tempo de exposição.

Entre prós e contras

Pérsio Orcy Costa Schervenske, superintendente executivo do Sagg, afirma que há, dentro do setor, opiniões contrárias e favoráveis à exigência de certificação, mas reconhece a medida como necessária para "separar o joio do trigo", controlar pragas e combater desperdícios. "Como realizar esse controle, monitorar a umidade e a qualidade dos produtos no sistema antigo?", questiona ele.

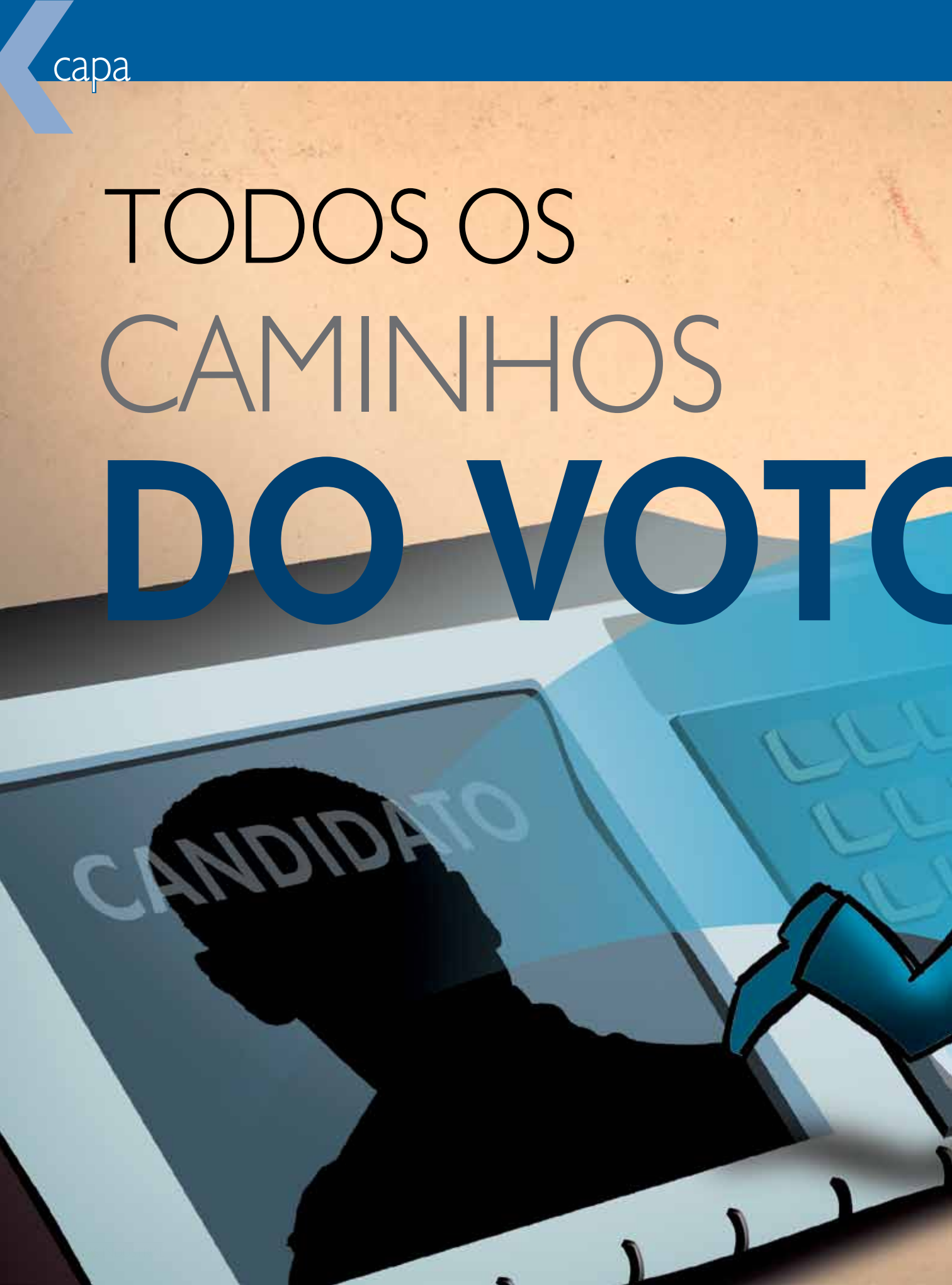
Pedro Arantes, assessor da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), considera importante o "princípio básico" da medida e critica o que considera como excesso de detalhes e de minúcias na legislação. "Talvez seja necessário reavaliar alguns pontos, mas, no geral, trata-se de uma exigência do próprio mercado internacional", comenta

Entre manuseio e transbordo das cargas, Arantes indica que algumas estimativas, as quais ele classifica como exageradas, apontam perdas entre 1,5% a 2%. Alguns levantamentos, ainda sem base empírica, chegam a apontar prejuízos de US$ 1,0 bilhão por ano. Dados mais precisos somente estarão disponíveis quando a Conab e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em parceria com outras instituições, concluírem o Estudo das Perdas Quantitativas e Qualitativas na Pós-Colheita de Grãos do Programa de Abastecimento Alimentar. O levantamento, inédito no País, foi incluído no Plano Plurianual do Governo para 2008/2011 e responde, ainda, a uma cobrança dos órgãos internos de controle, como o Tribunal de Contas da União (TCU) e a Controladoria-Geral da União (CGU).

Onde estão os armazéns

Números oficiais da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam que, até outubro deste ano, Goiás dispunha de 978 armazéns cadastrados pela companhia, com capacidade estática total para 12,909 milhões de toneladas. Na teoria, isso representaria um suposto déficit de 554,8 mil toneladas, 4% da safra colhida em 2010.
No País como um todo, a Conab registrava 17.539 armazéns, com capacidade para receber 136,57 milhões de toneladas de grãos, equivalente a 91,8% da produção realizada na safra 2009/2010. Neste caso, a defasagem somaria 12,26 milhões de toneladas. Este não é exatamente um problema, visto que a safra não chega toda de uma vez ao mercado. A questão é que os armazéns estão distribuídos de forma desequilibrada.

TODOS OS CAMINHOS DO VOTO



Vencido o desafio das urnas, a equipe de transição do governo eleito corre contra o relógio para formatar a nova divisão de cargos no Executivo, acomodar interesses da coligação que ajudou a eleger Marconi Perillo (PSDB-GO) e assegurar espaço no orçamento de 2011 para fazer decolar projetos e promessas. Perillo já percorreu institutos independentes especializados em gestão pública, aconselhou-se com o governador eleito de Minas Gerais, Antonio Anastasia, e declara-se disposto a implantar em sua administração um modelo lastreado na meritocracia, com metas predefinidas para administradores e gerentes e foco em resultados.

■ *Lauro Veiga Filho*

Eleito com 1,551 milhão de votos, perto de 53% do total de votos válidos, contra uma aliança formada pelos governos do Estado e federal, que domina, ainda, as três principais prefeituras goianas, Perillo obteve 65,2% de seus votos (1,011 milhão) nos 30 maiores colégios do Estado, que respondem por 66,2% do eleitorado. Derrotado, Iris Rezende liderou em Goiânia e Aparecida de Goiânia, abrindo frente de 107,2 mil votos. Os eleitorados de Anápolis, ainda que sob controle petista, dos maiores colégios do Entorno do Distrito Federal e do Sul goiano (Itumbiara, Catalão e Goiatuba) cumpriram papel essencial na vitória de Perillo, assegurando-lhe uma vantagem de 188,86 mil votos, o que mais do que compensou a derrota nas duas maiores regiões eleitorais do Estado.

Proporcionalmente, no entanto, o interior ofereceu contribuição igualmente expressiva. Embora os demais 216 municípios do Estado abriguem 33,8% dos eleitores, veio de lá quase metade da vantagem que Perillo impôs a Rezende na contagem total de votos. Mais precisamente, essa diferença foi de 174,94 mil votos no geral, dos quais mais de 80,5 mil (46%) foram assegurados pelo interior.

Além disso, Goiás foi um dos 11 Estados onde a candidata petista Dilma Rousseff não conseguiu bater o tucano José Serra. A preferida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu 1,446 milhão de votos, abocanhando 49,25% dos votos válidos, enquanto Serra foi escolhido por 1,490 milhão de eleitores, representando 50,75% do total.

Os limites do orçamento para 2011

O governador eleito lida, agora, com os limites que a proposta orçamentária, a ser votada pela Assembleia Legislativa, poderá representar para seus planos imediatos à frente da administração estadual. No total, o projeto do governo que deixa o Palácio das Esmeraldas no primeiro dia de 2011 fixa receitas e despesas em R$ 16,232 bilhões, dos quais R$ 1,50 bilhão referem-se à operação de capitalização da Companhia Energética de Goiás.

Isso significa que o próximo governo terá à sua disposição R$ 14,732 bilhões, o que corresponderia a um incremento de 18,8% em relação aos R$ 12,397 bilhões inicialmente propostos pelo governo para 2010. Na prática, a variação poderá ser bem menor, a despeito do ganho de 27,8% previsto para as receitas líquidas, projetadas em R$ 11,229 bilhões frente a R$ 8,787 bilhões incluídos no orçamento de 2010. Os valores fixados pela Assembleia para o orçamento deste ano atingiram R$ 14,680 bilhões – ou seja, praticamente o mesmo volume de recursos proposto para 2011. Descontados os recursos carimbados para a Celg, a receita líquida do Tesouro efetivamente disponível deverá somar R$ 9,728 bilhões, refletindo variação de 10,71% em relação a 2010.

Na comparação com a lei orçamentária em vigor para este ano, a nova proposta embute uma variação de apenas 1,2% para o total das despesas correntes, estimadas em R$ 11,773 bilhões para 2011, frente a R$ 11,631 bilhões em 2010. A tesoura cortou mais fortemente o item "outras despesas correntes", derrubando seu valor de R$ 4,866 bilhões para R$ 2,945 bilhões – um tombo de 39,5%.

Incluindo todas as fontes, o investimento total do Estado deverá encolher quase 9%, de R$ 999,261 milhões para R$ 911,116 bilhões, representando 6,2% dos recursos orçamentários, sem os empréstimos reservados para a Celg, frente a 6,8% neste ano. Os recursos destinados aos programas sociais deverão encolher 5,8%, de R$ 303,103 milhões (2,06% do orçamento) para R$ 285,420 milhões (1,94%).

Perto de 54% do orçamento, descontada a operação de salvamento da Celg, deverão ser destinados a despesas com pessoal e encargos sociais, que exigirão desembolso de R$ 7,949 bilhões, quase 43% acima do valor proposto para 2010 (R$ 5,567 bilhões) e 30,4% maior do que o gasto autorizado pela Assembleia para este ano (R$ 6,097 bilhões).

A Fieg e o processo democrático

Pedro Alves, José Evaristo, Eduardo Abdon, Armando Monteiro e Robson Braga: solenidade comemorativa de posse reuniu quase 600 pessoas no Centro Cultural Sesi

Guardadas as devidas proporções, as eleições realizadas no dia 15 de outubro para escolha do novo presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) contribuíram para reforçar o processo de amadurecimento político no País. Conduzida de forma democrática, a votação envolveu a participação dos 35 sindicatos filiados à entidade, dos quais 22 escolheram a chapa Fieg Forte, liderada pelo empresário Pedro Alves de Oliveira, e 13 votaram na coligação Goiás Industrializado, comandada pelo também empresário Domingos Sávio.

Em cerimônia oficial, realizada na Casa da Indústria, Pedro Alves assumiu à presidência no dia 29 de outubro, substituindo Paulo Afonso Ferreira, que liderou a Fieg nos últimos 12 anos e continuará sua atuação na área sindical como diretor secretário da Confederação Nacional da Indústria (CNI), diretor nacional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), além de participar do conselho de representantes da Fieg na CNI.

Quarto presidente da Fieg desde sua criação, em 17 de dezembro de 1950, Pedro Alves cumprirá mandato de quatro anos e comandará a entidade até 31 de outubro de 2014. A solenidade comemorativa à posse foi realizada no Centro Cultural Sesi, no dia 18 de novembro, com a presença de quase 600 pessoas, incluindo as principais lideranças empresariais e políticas do Estado. Entre outros, participaram do evento o governador Alcides Rodrigues, o atual e o presidente anterior da CNI, respectivamente Robson Braga e o senador eleito Armando Monteiro Neto, Paulo Afonso Ferreira, presidentes e representantes das federações de Alagoas, Ceará, Rondônia, Tocantins, Distrito Federal e Minas Gerais

Continuísmo no governo, com doses de turbulência

Silvio Simões

Sílvio Costa, da PUC: situação mais confortável para a nova presidente na Câmara e no Senado

Os resultados das eleições nacionais redefiniram de certa forma o quadro político e reafirmaram a aliança que dá sustentação atualmente ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Nesse sentido, projeta o sociólogo e cientista político Sílvio Costa, professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), a expectativa é de que a presidente eleita Dilma Rousseff desenvolva um governo de continuidade, com aprofundamento dos programas sociais e de distribuição direta de renda, incremento dos investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e das políticas de suporte ao mercado de trabalho.

Doutor em Sociologia e professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG), Pedro Célio Alves Borges acredita, igualmente, que Dilma Rousseff tenderá a dar continuidade, em linhas gerais, ao período Lula, mas com diferenças pontuais que merecem ser anotadas. "Não há mais o quadro de tranquilidade verificado no setor externo em boa parte do governo Lula e não se sabe até que ponto a economia poderá continuar crescendo de forma acelerada sem gerar ficção na área dos preços", observa.

De fato, o fraco desempenho das maiores economias mundiais no pós-crise e a verdadeira "guerra" cambial travada entre os países, numa reedição disfarçada do protecionismo comercial, têm ocupado as atenções e os esforços de nações desenvolvidas e emergentes. O potencial de geração de conflitos ainda não parece esgotado e a verdadeira enxurrada de dólares e de importações que inunda o mercado brasileiro terá de ser administrada pela nova equipe econômica.

Na área da política doméstica, Borges lembra, ainda, que a capacidade de iniciativa da Presidência da República esteve associada, de forma relevante, "ao carisma de Lula". O sociólogo entende que Dilma terá entre três e seis meses de trégua, no que chama de "faixa de reflexo da legitimidade garantida pelas urnas". Depois disso, será preciso aguardar a qualidade e a direção das medidas que serão tomadas. E, claro, as reações políticas ao cardápio a ser proposto.

Costa acredita que o futuro governo Dilma enfrentará, na esfera federal, uma situação mais confortável, já que a nova composição de forças na Câmara Federal e no Senado demonstra avanços maiores para os partidos que apoiam o governo petista. "Isso deverá possibilitar o cumprimento dos compromissos de campanha sem os mesmos obstáculos observados durante os oitos anos de mandato do presidente Lula", reforça o cientista político.

"Não há mais o quadro de tranquilidade no setor externo verificado no governo Lula"

Pedro Célio, da UFG

O contrapeso dos novos governadores

Embora a oposição tenha perdido espaço no Congresso, os avanços colhidos pelo PSDB na área estadual, com a eleição de 11 governadores em Estados que respondem, em conjunto, por 49,4% das receitas estaduais e praticamente metade do Produto Interno Bruto (PIB), abrigando 45,6% da população, devem atuar como contrapeso, impondo a necessidade de negociações em torno de projetos específicos, que envolvam interesses diretos das administrações estaduais, supõem os cientistas políticos Silvana Krause, da UFG, e Sílvio Costa, da PUC-GO.

Silvana destaca o fato de a oposição ter obtido resultados eleitorais favoráveis em Estados importantes, a exemplo de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. "Esse fato é bastante positivo para o processo democrático porque traz equilíbrio ao jogo e leva o governo nacional a negociar", avalia a professora.

Num cenário como esse, a questão da governabilidade, retoma Costa, tende a assumir outra dimensão para os novos governadores de oposição, caso de Marconi Perillo (PSDB) em Goiás, que enfrentou durante a campanha uma coligação turbinada pelo apoio dos governos federal e estadual e dos prefeitos dos três maiores eleitorados do Estado – Goiânia, Aparecida de Goiânia e Anápolis. "Sob um ponto de vista mais particular, a relação entre Perillo e o governo federal dependerá muito mais da atitude do governador eleito", analisa ele. Neste momento, Costa vislumbra a abertura de um espaço importante para o entendimento e a recomposição, cuja consolidação, mais adiante, dependerá em muito das escolhas individuais de cada governador.

O cientista político e antropólogo Wilson Ferreira da Cunha viu com surpresa a primeira fala de Dilma Rousseff logo após eleita. "Foi um discurso sóbrio, onde ele expressou um compromisso muito claro com a estabilidade econômica, que era o discurso da oposição, com o controle de gastos, respeito aos contratos e à iniciativa privada e de defesa aos direitos humanos, à liberdade de imprensa e de opinião", comenta.

Na visão de Pedro Célio Alves Borges, professor da UFG, grande parte de como se dará a futura relação entre os dois níveis de governo será definida no modo como ocorrerá a negociação para a recuperação financeira da Celg. "Por uma imposição administrativa e institucional, acredito que as coisas tendem a fluir normalmente. Dilma e Marconi já deram mostras de compreender que algumas funções são de Estado e não poderão ser prejudicadas por diferenças político partidárias", aposta Borges.

Silvana Krause acredita que o DEM deverá assumir papel central na interlocução das questões regionais com o governo federal, em função da "votação expressiva" recebida pelo senador Demóstenes Torres. "O caminho da relação entre as duas esferas de poder passa pelo DEM", sustenta a professora.

Avanço da oposição em Estados importantes "traz equilíbrio e leva o governo nacional a negociar"

Silvana Krause , da UFG

A nova geografia do Congresso

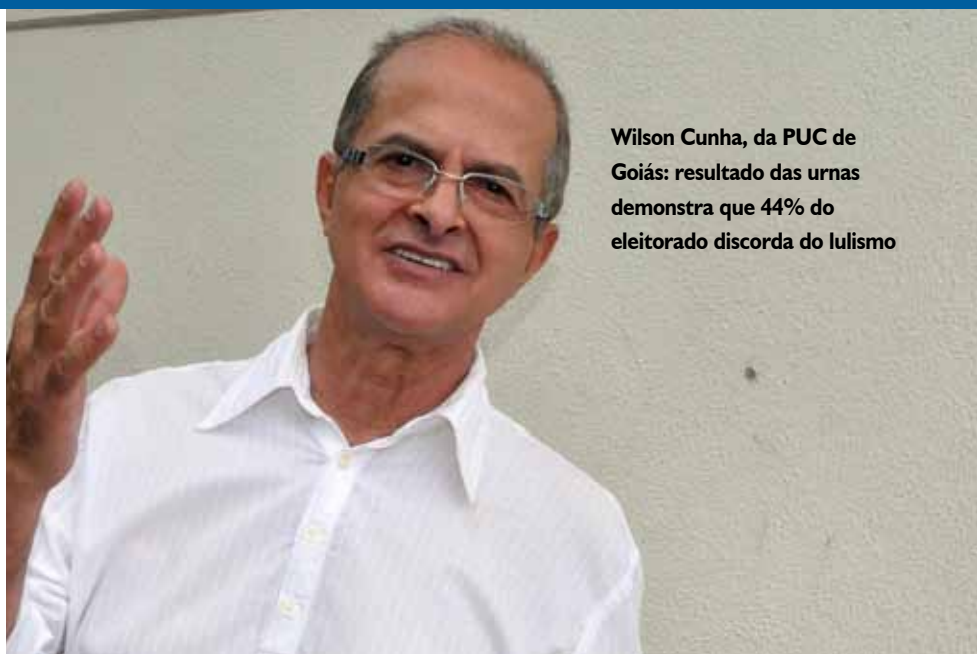
A próxima administração federal terá de exercitar sua capacidade de negociação dentro do Congresso, com a Câmara exigindo maior dedicação. Somados, PT e PMDB perderam cinco cadeiras em relação às eleições de 2006, saindo de 172 (33,5% do total) para 167 deputados federais (32,5%). Mas PSDB e DEM sofreram perdas mais severas e tiveram suas bancadas reduzidas de 66 para 53 (13 a menos) e de 65 para 43 (22 cadeiras a menos), respectivamente.

Juntos, tucanos e democratas detinham o controle sobre 25,5% da Câmara (131 lugares) e viram seu espaço murchar para 18,7% do total (96 representantes). Mas os partidos considerados médios conquistaram avanços, à esquerda e à direta do espectro político, e poderão se colocar como nova força dentro da Câmara. Juntos, PSB – que arrancou sete cadeiras a mais –, PDT e PCdoB, que tentam recompor o bloco da esquerda na casa, elegeram 77 deputados (13 a mais). Numa recuperação em relação aos estragos produzidos pelo mensalão em 2006, PP, PTB e PR ampliaram sua bancada de 88 para 103 representantes (15 a mais). Os destaques vão, à direita, para o PR, que abocanhou 16 lugares a mais, e para o PSB, à esquerda, conquistando sete posições adicionais (de 27 para 34 cadeiras). Grande surpresa das eleições, os socialistas elegeram ainda seis governadores, dobrando sua presença nos Estados.

No Senado, com perda de quatro lugares para o PSDB e seis para o DEM, somados, os dois partidos tiveram sua fatia encolhida de quase 35% para 22%, preservando 18 senadores frente aos atuais 28. Entre os senadores que faziam oposição ostensiva ao presidente Lula Inácio Lula da Silva e que tenta-

rem a reeleição, aponta o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), apenas os senadores José Agripino (DEM-RN) e Demóstenes Torres (DEM-GO) tiveram sucesso. Caciques de peso foram derrotados, a exemplo do veterano Marco Maciel, do DEM de Pernambuco, e de Tasso Jereissati, tucano do Ceará. No Amazonas, Artur Virgílio, também do PSDB, não se reelegeu.

Ao contrário dos dois maiores partidos de oposição, o PT vai ocupar cinco cadeiras a mais, elevando para 14 o número de seus senadores, enquanto o PMDB elegeu um a mais, chegando a 19 representantes. Juntos, terão 33 lugares e 40,7% de participação (frente a 33% atualmente).



Wilson Cunha, da PUC de Goiás: resultado das urnas demonstra que 44% do eleitorado discorda do lulismo

Tucanos mineiros contra tucanos paulistas

A situação interna no PSDB, no entanto, pode trazer alguns complicadores, considerando-se que já se manifesta um processo de luta pelo controle partidário envolvendo as alas mineira e paulista do tucanato. Como desdobramento, numa hipótese de acirramento dessas divergências, acredita o professor, o partido poderá correr o risco de perder quadros para outras siglas.

Na arena estadual, Costa destaca os efeitos que a apresentação de propostas contraditórias de campanha poderá determinar para a nova administração. "Houve, especialmente na reta final, um show de promessas, o que parece contraditório em relação à declarada situação de dificuldade financeira do Estado." Tomando-se como reais as alegadas dificuldades de caixa, o cumprimento dos compromissos assumidos durante a campanha dependerá da injeção de recursos federais – e novamente a questão da governabilidade entra em cena – e de medidas para recomposição da situação financeira, o que poderá exigir a adoção de ajustes politicamente indigestos. "Teremos de observar o desenrolar dos primeiros meses da nova administração", resume ele.

O "erro" da oposição

O País demonstrou amadurecimento político, embora não deixe de ser surpreendente a escolha de uma personalidade política formada durante a luta armada contra o regime militar, declara Wilson Ferreira da Cunha, professor de Ciência Política e Antropologia da PUC-GO. A vitória petista, prossegue ele, não pode esconder o fato de que 44% do eleitorado "não concorda com o lulismo".

Isso mostra que o espaço para a oposição sempre existiu, afirma Cunha, para quem o primeiro passo a ser tomado pela oposição deveria ser "assumir esse papel e pensar um projeto para o País". Nesse aspecto, a oposição demonstrou incapacidade para "transformar críticas em uma alternativa política mais clara, baseada na ética e na competência gerencial", dispara o professor. Para Silvana Krause, as eleições demonstraram a existência de um eleitor conservador e ainda sem representação nos partidos.

Na balança, as eleições de 2012

Ainda que poucos na área política possam admitir publicamente, o debate em torno das eleições municipais de 2012 já está correndo, argumenta o cientista político Sílvio Costa, da PUC-GO, ao sugerir que esse poderá ser mais um "fator complicador" na vida do governo recém-eleito, diante da necessidade de acomodar interesses dos municípios na futura divisão de cargos. Até porque, o DEM ganhou relevância maior no Estado, ao contrário do que ocorreu no cenário nacional, aponta Pedro Célio Borges, da UFG, ao eleger um senador e três deputados federais, depois de ter conseguido apenas uma cadeira na Câmara Federal em 2006.

O democrata Demóstenes Torres foi reeleito ao Senado com quase 2,159 milhões de votos, o que poderia ser comparado com os 2,035 milhões que escolheram Marconi Perillo para a casa em 2006. Em termos proporcionais, no entanto, Perillo recebeu o equivalente a 75,8% dos votos válidos, diante de 44% no caso de Torres. A segunda vaga no Senado continuará com a tucana Lúcia Vânia Abrão, que teve 1,496 milhões de votos (30,6% do total de votos válidos).

Para Borges, a coligação que elegeu Perillo deverá contar com maioria tranquila na Assembleia Legislativa, o que deverá assegurar ao governador eleito "a plenitude da iniciativa no processo político", pelo menos até que a discussão sobre 2012 não se imponha de forma mais objetiva. "Isso poderá causar fissuras no bloco de apoio ao governo, já que o DEM sai cacifado pelas urnas para negociar um espaço privilegiado nas próximas eleições, com destaque para a Prefeitura de Goiânia", avalia ele.

O bloco comandado pelo tucano, que, além do DEM, inclui PRB, PTB, PPS, PRTB, PL, PMN e PTdoB, elegeu 20 dos 41 deputados estaduais, recebendo 1,354 milhão de votos, o que significou 45,5% do total de votos válidos. A coligação formada por PMDB, PT e PCdoB somou 12 cadeiras, com 800,85 mil votos (26,9% do total de válidos). Na verdade, em relação às eleições de 2006, os dois grupos perderam espaço no eleitorado.

A frente liderada pelos tucanos chegou a conquistar, naquele ano, pouco mais de 1,411 milhão de votos, representando 50,1% dos votos válidos, enquanto o grupo peemedebista foi votado por 840,30 mil eleitores (29,8% do total de votos válidos). Na Câmara Federal, o PSDB goiano manteve as mesmas três cadeiras, o DEM conquistou mais duas posições, subindo para três, e o PMDB perdeu uma vaga, caindo para quatro. Somadas, as três siglas concentram quase 59% das cadeiras de Goiás na casa.

Soluções de vídeo monitoramento CMA

Sua empresa ao alcance dos seus olhos.

A CMA oferece a mais avançada tecnologia em vídeo monitoramento para sua emrpesa. Câmeras de segurança ligadas a equipamentos com transmissão wireless, fibra óptica ou a cabo, permitem monitoração através de uma central, com alta definição de imagens e gravação em tempo real.

Tel: (11) 3053-2614
www.cmatelecom.com.br
telecom@cma.com.br

CMA Telecom

A tendência de governos tem sido a de atender a demandas de apelo popular em detrimento da elaboração de plano de metas ousado

Cileide Alves
Jornalista, editora executiva do jornal O Popular

A escolha do novo governador

A arrecadação do Estado cresceu cerca de 22% em 2010, mesmo com a inadimplência de seu maior contribuinte individual, a Celg, que deixou de recolher R$ 700 milhões neste ano. O orçamento para 2011, enviado pelo governo à Assembleia Legislativa no final de setembro, prevê receita de R$ 16,23 bilhões, incluindo a primeira parcela do empréstimo de R$ 1,5 bilhão da Caixa Econômica Federal para a Celg, o que significa crescimento estimado de 18,83% em relação à receita de 2010. Esses dados indicam que a economia goiana segue em processo de crescimento e tende a continuar assim no próximo ano, levando-se em conta as projeções do Orçamento e do Mapa Estratégico da Indústria Goiana, documento da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) que estabelece metas ousadas com vistas a promover um salto no desenvolvimento econômico e social de Goiás ao final da próxima década.

O bom momento da economia deve-se certamente ao igual momento da economia brasileira. Mas o Estado também vem fazendo sua parte, o que deu condições à Fieg de propor as metas ousadas, que prevêem avanço da participação das indústrias goianas no PIB industrial do País de 2,6% para 4%.

A iniciativa privada está, portanto, consciente e preparada para dar sua contribuição ao desenvolvimento econômico do Estado. O governo precisará fazer sua parte em especial em duas frentes: infraestrutura e educação, duas batalhas que exigirão esforço hercúleo do futuro governo.

A contribuição do Estado nessas áreas tem deixado a desejar historicamente. Nos últimos anos, a média de investimento em infraestrutura tem sido muito aquém das necessidades da população e do setor produtivo. Em 2010, o investimento nesta área foi de apenas 1,5% do PIB, quando o ideal seria que esse porcentual ficasse entre 3% e 4%. Para o próximo ano as expectativas não são animadoras. O orçamento prevê R$ 900 milhões para investimentos, ou 6% da receita.

Já o mapa da Fieg estima em R$ 40 bilhões os investimentos que União e Estado precisam realizar para atender a todas as demandas por infraestrutura acumulas há pelo menos 20 anos. A previsão de apenas R$ 900 milhões exigirá criatividade do governador e definição de prioridades claras.

Em educação, as necessidades não são menos desafiadoras. A qualidade da educação básica e investimentos na qualificação de mão de obra são os grandes gargalos do Estado. As carências educacionais do Estado, portanto, vão muito além de simples promessas eleitorais. O governo precisará de um plano educacional de longo prazo com metas claras.

O futuro governador terá de fazer uma escolha: olhar para o Estado com visão de estadista e enfrentar esses desafios ou atender demandas imediatas e ter um retorno político desejado. Fazer essa escolha deverá ser o principal desafio do futuro governador.

Roteiros para exportar mais

CIN/Fieg busca incrementar pauta de exportações, consolidando participação goiana no comércio exterior e atraindo novas empresas com vocação para disputar mercados lá fora

Rodada de negociações na Cainco: empresários conversam sobre oportunidades de negócios na Bolívia

Da Bolívia à China, passando pelo Panamá, por Cuba, Itália e França, o Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CIN/Fieg) montou uma verdadeira ofensiva ao longo de 2010 para abrir mercados a empresas goianas com vocação exportadora. Apenas neste ano, numa parceria com a Rede CIN, a unidade da Fieg organizou a participação de 46 empresas goianas em seis feiras internacionais, com o objetivo de aproximar fabricantes locais e clientes em potencial no exterior.

Os resultados desse trabalho, com previsão de prosseguir com a mesma intensidade durante 2011, devem começar a surgir no médio prazo, mas empresas que participaram de recentes missões comerciais organizadas pelo CIN/Fieg demonstram entusiasmo com a organização e o apoio recebido durante aqueles eventos. Uma das mais recentes incursões ocorreu na Bolívia, entre os dias 19 e 24 de setembro. O CIN/Fieg coordenou e organizou, em nível nacional, a participação de empresários brasileiros na maior feira e rodada de negócios multissetorial da América Latina, a Expocruz 2010 em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. A delegação foi composta por 40 empresários brasileiros representantes de 29 empresas de seis Estados, incluindo Goiás.

O empresário Eduardo Cunha Zupanni, presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindiquímica) e das empresas Absolut Equipamentos de Proteção e Segurança e Zuppani Industrial, e um dos participantes da missão prospectiva organizada pelo CIN/Fieg, declarou-se agradavelmente surpreendido pela receptividade do mercado local. "A organização e o apoio que recebemos foram exemplares. E a estrutura colocada à disposição dos empresários durante as rodadas de negócios foi perfeita", anima-se Zuppani.

Câmbio e logística emperram negócios

Zuppani, do Sindiquímica: organização, apoio e estrutura "exemplares"

O volume de consultas recebidas durante as rodadas, anota Eduardo Zuppani, atesta a fase de aquecimento da economia boliviana, mas dificuldades estruturais tornam mais complicado o fechamento de negócios. "Nossos produtos não têm competitividade e chegam mais caros ao mercado boliviano, geralmente abastecido pela China e pela Argentina", comenta Zuppani. Os gargalos localizam-se no câmbio supervalorizado, pelo lado brasileiro, e na infraestrutura deficiente, que determina uma logística "precária", descreve ele, especialmente para produtos de menor valor agregado, a exemplo dos produtos domissanitários fabricados pela Zuppani Industrial em suas unidades de Aparecida de Goiânia e Salvador.

"Fizemos contatos com clientes ávidos por comprar, mas a negociação esfria quando você coloca os preços sobre a mesa", afirma Zuppani, destacando que a "a questão cambial nitidamente tem sido determinante e as queixas contra o real sobrevalorizado são generalizadas". A Zuppani exporta seus produtos para o Paraguai há três anos, quando a empresa adquiriu a concorrente Paloma, de São Paulo. "Estamos na iminência de perder esse mercado", adianta o empresário. Numa linha diversificada, a indústria produz velas, desinfetantes, amaciantes, ceras e água sanitária.

Mota, da Bioline Fios Cirúrgicos: "Trabalho extremamente positivo"

Proteção, mesmo com margem quase nula

A empresa de José Alberto da Luz Mota – a Bioline Fios Cirúrgicos, instalada em Anápolis – já realiza exportações para Bolívia, Paraguai, El Salvador, Argentina e países do Oriente Médio há pelo menos cinco anos. Mas, pessoalmente, Mota fez sua estreia em feiras internacionais durante a Expocruz. "Já temos negócios na Bolívia e a feira permitiu ter uma boa visão do mercado local e reforçar a parceria que mantemos ali desde 2005", comenta.

Mota destaca o formato escolhido para a participação da missão empresarial brasileira na feira, com a organização de rodadas de negócios na sede da Câmara de Indústria, Comércio, Serviços e Turismo de Santa Cruz (Cainco). "Foi um trabalho extremamente positivo", elogia. Há 13 anos no mercado, a Bioline exporta atualmente 4% de sua produção de 20 mil caixas por mês de fios cirúrgicos e tem planos de ampliar essa fatia para 10% a 15% entre 2011 e 2012.

A exportação representa, na verdade, muito mais uma estratégia para assegurar uma espécie de hedge (cobertura) para suas operações internas do que um negócio com foco em resultados. "O nosso objetivo é o de criar um equilíbrio diante do real forte, já que importamos nossa matéria-prima, e permanecer competitivos no mercado doméstico, já que nossas margens na exportação são praticamente nulas ou muito próximas disso", afirma.

Com 84 empregados, a Bioline espera crescimento real de 10% para suas receitas neste ano, a despeito da forte concorrência das grandes multinacionais que operam no setor. Animado, Mota já estava de malas prontas para participar da missão comercial brasileira que iria a Havana, Cuba, na primeira semana de novembro.

Esforço para AGREGAR VALOR

De Goiás para os portos: manufaturados perdem participação no total exportado

Importações recordes

Pauta goiana de exportações continua excessivamente concentrada em produtos básicos, que ainda respondem por 82% de tudo o que o Estado vende lá fora

Soja em grão: produto representa um quarto das vendas externas goianas

■ *Lauro Veiga Filho*

A despeito dos avanços já alcançados na área externa, governo, empresas e instituições ligadas ao comércio mundial de bens e serviços no Estado terão pela frente o desafio de ampliar a participação de mercadorias com maior valor agregado e maior conteúdo tecnológico na pauta goiana de exportações, hoje concentrada excessivamente em produtos básicos. No acumulado entre janeiro e setembro deste ano, essa categoria de produtos respondeu por 82,2% do total exportado a partir de Goiás.

As estatísticas oficiais, publicadas pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (Mdic), afirma o gerente do Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN), Plínio César de Lucas Viana, tornam nítida a necessidade de realizar "um grande esforço para aumentar o valor agregado dos produtos exportados pelo Estado". Nesta área, acrescenta ele, o CIN/Fieg "poderá colaborar substancialmente". Para isso, no entanto, além da reconhecida expertise do centro, Viana observa que serão necessárias parcerias com outras instituições e órgãos governamentais, em busca de "recursos financeiros que preparem e capacitem as pequenas e médias empresas para o mercado internacional".

Segundo ele, as commodities mantiveram a liderança na pauta das exportações realizadas a partir de Goiás no acumulado de janeiro a setembro deste ano. "Grãos de soja, bagaços e resíduos sólidos da extração do óleo de soja, sulfeto de minério de cobre e a carne congelada de bovino são os produtos mais exportados por Goiás com porcentual de participação superior a 10% cada, sendo que soja em grão atingiu 25,61%, mais de um quarto de toda a pauta exportadora", afirma. Em conjunto, apenas esse grupo de quatro produtos respondeu por 61% do total exportado no período, ligeiramente abaixo dos 65% registrados no mesmo período do ano passado em função da queda de 14,4% nas vendas externas da soja em grão.

Em resumo, o Estado mantém uma pauta de exportações excessivamente concentrada em produtos de menor dinamismo no mercado internacional (ou com vigor apenas sazonal), como minérios, grãos e carnes, enquanto exporta muito pouco nos segmentos de maior conteúdo tecnológico e menos vulneráveis às oscilações frequentes de humor nos mercados externos.

Bens minerais: alta de preços internacionais estimula embarques

Importações recordes

Nos primeiros nove meses de 2010, Goiás exportou US$ 3,103 bilhões, num avanço de 10,9% em relação aos US$ 2,798 bilhões exportados no mesmo período do ano passado. Uma variação até mesmo modesta, quando se considera que as importações saltaram nada menos do que 55,7%, passando de US$ 1,946 bilhões para US$ 3,029 bilhões, maior valor para o período em toda a série histórica de dados da balança comercial do Estado.

Como resultado, o superávit comercial murchou para US$ 74,230 milhões, nível mais baixo na década, com perda de 91,3% na comparação com o saldo de US$ 851,784 milhões acumulado nos primeiros nove meses do ano passado. Embora as exportações pareçam caminhar para superar o recorde de 2008, com mais de US$ 4,0 bilhões exportados, a perspectiva de déficit comercial ainda não pode ser afastada.

Em setembro, o Estado realizou vendas ao exterior no valor de US$ 344,488 milhões, num avanço de 11% frente a igual mês de 2009, mas importou US$ 400,950 milhões, recorde para o período, quase 52% acima das compras registradas em setembro de 2009. A diferença entre as duas contas foi um déficit de US$ 56,462 milhões, que se compara ao saldo positivo de US$ 45,759 milhões de setembro do ano passado. Para registro, o último trimestre de 2009 trouxe um déficit comercial de US$ 89,511 milhões, ao sabor da escalada das importações.

Industrializados perdem espaço

Numa avaliação de prazo mais longo, Plínio Viana, gerente do CIN/Fieg, anota tendência de evolução proporcionalmente mais modesta das exportações de produtos industrializados, que "passaram de U$ 126,7 milhões em 1998 para U$ 552,6 milhões em 2010, até setembro, enquanto que, no caso de produtos básicos, saltaram de U$ 254,9 milhões para mais de U$ 2,55 bilhões no mesmo período".

Em termos proporcionas, houve mesmo uma involução da participação dos industrializados na pauta goiana de exportações. Em 1998, esses produtos representavam 33,2% do total e desabaram para 17,8% no acumulado até setembro deste ano, saindo de 19,9% nos 12 meses de 2009. Entre 1998 e 2009, as vendas externas de industrializados aumentaram quase 470%, diante de um avanço de 847% para as exportações totais do Estado, com salto de 1.035% no caso dos produtos básicos, que passaram a representar 80% das vendas externas totais.

Concentração nas duas pontas

Neste ano, até setembro, um seleto grupo de dez empresas, no ranking das maiores exportadoras do Estado, concentrou nada menos do que 70% das exportações goianas, sob liderança da Mineração Macará, subsidiária do grupo canadense Yamana Gold, que explora cobre e ouro em Goiás. Sozinha, a mineradora respondeu por 11,8% das exportações e aumentou suas vendas em 88% na comparação com os nove primeiros meses do ano passado.

As dez maiores exportadoras do Estado realizaram vendas em conjunto, lá fora, no valor de US$ 2,178 bilhões, representando incremento de 25,7% – mais de duas vezes acima da taxa média de crescimento das exportações totais. O restante das empresas reduziu suas exportações em 13,2%, para US$ 924,912 milhões.

Na ponta das importações, as quatro maiores do ranking tiveram participação de 77% no total importado por Goiás e responderam por 94,2% do crescimento das compras externas neste ano. Apenas a Caoa Montadora de Veículos, que importou US$ 1,194 bilhão (mais 108,8% sobre 2009), assumiu uma fatia de 39,4% do total das importações, frente a 29,4% no ano passado. Descontando-se o valor importado pelas quatro maiores, as importações goianas teriam limitado seu crescimento a menos de 10%.

Rombo cresceu mais de 12 vezes

Resultado da política de incentivo às importações do governo estadual e, nos últimos anos, do câmbio valorizado, o setor de manufaturados tem apresentado déficits comerciais (importações superiores a exportações) cada vez mais elevados. Apenas nos nove primeiros meses deste ano, o déficit comercial do setor, em Goiás, somou US$ 2,721 bilhões, crescendo 61,4% em relação ao rombo acumulado entre janeiro e setembro de 2009, que havia alcançado US$ 1,686 bilhão. O resultado observado neste ano, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), já é 10,5% maior do que o déficit registrado em todo o ano passado, que ficou em US$ 2,462 bilhões.

Historicamente, o Estado sempre importou mais do que exportou produtos manufaturados. Mas o déficit comercial, nesta área, variava entre US$ 200 milhões (ou menos) e US$ 300 milhões até 2003, quando começou uma escalada motivada pela disparada das importações – sugerindo que os números negativos não estão relacionados exclusivamente ao câmbio valorizado.

Nos últimos três anos, o rombo no setor de manufaturas tem crescido sistematicamente a taxas superiores a 60%, com salto de 77% entre 2007 e 2008. No intervalo entre 1998 e 2009, esse déficit aumentou mais de 12 vezes, saltando de US$ 196,750 milhões para quase US$ 2,5 bilhões, como visto. As importações de manufaturados cresceram, no mesmo período, 1.078%, saindo de US$ 225,493 milhões para US$ 2,656 bilhões. Entre janeiro e setembro, as importações de manufaturas aumentaram mais 59,1%, de US$ 1,820 bilhão para US$ 2,897 bilhões. As exportações, ao contrário, tiveram desempenho mais modesto. Desde 1998 até o ano passado, as vendas externas de manufaturas aumentaram 572,3%, de US$ 28,743 milhões para US$ 193,232 milhões. E avançaram mais 30,8% na comparação entre os primeiros nove meses de 2010 e de 2009, variando de US$ 134,444 milhões para US$ 175,868 milhões.

Coreia, Goiás e a escalada das importações

Com larga predominância de automóveis de passageiros, as compras realizadas por Goiás na Coreia do Sul mais do que dobraram na comparação entre os nove primeiros meses deste ano e igual período de 2009, saltando de US$ 539,689 milhões para quase US$ 1,130 bilhão. O país oriental passou a responder por 37,3% de todas as importações goianas, frente a menos de 28% no ano passado.

O déficit entre os dois países cresceu 132%, atingindo US$ 1,080 bilhão, saindo de US$ 465,790 milhões no acumulado entre janeiro e setembro de 2009, num acréscimo de US$ 614,342 milhões. No mesmo período, o déficit comercial entre Brasil e Coreia do Sul triplicou, saindo de US$ 1,255 bilhão para US$ 3,756 bilhões. Goiás teve participação relevante nesse processo, ao responder por um quarto do crescimento do rombo entre os dois países. A fatia goiana

nas importações brasileiras com origem naquele país oriental avançou de 16,3% para 17,7% no acumulado até setembro deste ano, muito além da modesta participação de Goiás nas compras externas totais do País, na faixa de 2,3%.

O crescimento das importações goianas neste ano tem sido puxado pela disparada nas compras de veículos e suas partes, peças e acessórios, que aumentaram de US$ 865,764 milhões (44,5% do total) para US$ 1,515 bilhão, metade das compras goianas no exterior. Essa categoria de produtos foi responsável por quase 60% do avanço das importações do Estado. Reflexo dos incentivos fiscais concedidos também a bens importados, do câmbio valorizado e do aquecimento da economia, entre janeiro e setembro de 2010, o Estado registrou a importação de 70.706 automóveis, num avanço de 59,3% em relação aos 50.040 importados em igual período de 2009.

Em valores, como a importação passou a envolver modelos mais sofisticados, o aumento foi ainda mais estrondoso, com salto de 80,2% - de US$ 631,057 milhões, 32,43% do total importado pelo Estado, para US$ 1,173 bilhão, representando 37,54% do total. Para comparação, a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) registrou o licenciamento, no País como um todo, de 289.162 automóveis de passageiros importados entre janeiro e setembro deste ano, num avanço de 34,3% frente às 215.248 unidades licenciadas no mesmo intervalo de 2009. Isso significa que o volume de carros importados por Goiás passou a representar 27,56% do total licenciado, frente a 23,25% nos nove primeiros meses do ano passado.

Carne bovina congelada: avanço de 15% nas exportações

Déficits crescentes

Exportações, importações e saldo comercial de bens manufaturados em Goiás, valores em US$ milhões

Período	Exportação	Importação	Saldo
1998	28,743	225,493	-196,750
1999	25,882	266,794	-240,912
2000	25,916	315,223	-289,307
2001	33,243	336,000	-302,757
2002	28,090	279,557	-251,467
2003	40,359	311,211	-270,852
2004	69,080	509,525	-440,445
2005	111,607	626,008	-514,401
2006	105,357	884,835	-779,478
2007	198,496	1.550,002	-1.351,506
2008	244,527	2.635,140	-2.390.613
2009	193,232	2.655,592	-2.462,360
2010*	175,868	2.896,873	-2.721,005

(*) Janeiro a setembro
Fonte: Secex/Mdic

Importação de automóveis em disparada

Exportações, importações e saldo comercial de bens manufaturados em Goiás, valores em US$ milhões

Período	Unidades	Valor (em US$ milhões)	Participação nas importações goianas
Jan-set 2009	50.040	631,057	32,4%
Jan-set 2010	79.706	1.137,033	37,5%
Variação	+59,3%	+80,2%	

Fonte: Secex/Mdic (Sistema Alice)

No pódio do prêmio de estágio

Thays de Lima Dias *(de vermelho)*, entre a gerente de RH da Cicopal Alimentos, Andréa Lemes, o professor orientador da UFG Manoel Soares Junior, a supervisora Monalisa de Sousa Vasconcelos e o gerente industrial da indústria, Aldo Pondaco Júnior

Estudante goiana conquista 2º lugar na edição nacional do Prêmio IEL de Estágio 2010

■ *Daniela Ribeiro*

A estudante goiana Thays de Lima Dias, da Cicopal Alimentos, subiu ao pódio da edição nacional do Prêmio IEL de Estágio 2010. O projeto Implantação do Sistema de Secagem de Polpa Residual de Batata rendeu o 2º lugar à aluna da Universidade Federal de Goiás (UFG), na categoria Média Empresa. A cerimônia de entrega foi realizada no dia 25 de novembro, na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em Brasília. Foram selecionados 218 projetos em 17 Estados, que concorreram a dez premiações. Álvaro Barbosa Macêdo Pereira e Danilo Cantieri de Mello também representaram Goiás na disputa. 0s jovens haviam se classificado na 6ª edição da fase regional, encerrada no dia 20 de outubro, na Casa da Indústria, em Goiânia.

Carlos Cavalcante: "Muitos desenvolveram carreira de sucesso após estágio"

Categoria MÉDIA EMPRESA

Luiz Eduardo, Thays Dias e Thiago Ferreira: aprimoramento da gestão, secagem de polpa de batata e aplicativos

Estagiária na Cicopal Alimentos, a estudante de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Goiás (UFG) Thays de Lima Dias ficou com o 1º lugar na categoria Média Empresa pelo projeto Implantação do Sistema de Secagem de Polpa Residual de Batata.

O 2º lugar foi conquistado por Thiago Batista Ferreira, que cursa Gestão de Tecnologia da Informação, na Faculdade Cambury. O estudante, estagiário da MB Têxtil, é autor do projeto Desenvolvimento de Aplicativos, Relatórios, Gestão de ERP, Programa de Gestão de Negócios Sap Business e melhorias no Departamento de Tecnologia da Informação.

Luiz Eduardo de Oliveira Belchior, aluno de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista (Unip), desenvolveu o projeto A Otimização da Gestão de Processos no Meio Público e faturou o 3º lugar. Ele atua na Agência Goiana de Habitação (Agehab).

Categoria PEQUENA EMPRESA

Marina Borges, Álvaro Pereira e Amanda Costa: relações públicas, informática e gestão da qualidade

Na categoria Pequena Empresa, o 1º lugar coube a Álvaro Barbosa Macêdo Pereira, aluno de Engenharia da Computação da UFG e estagiário do Centro Brasileiro de Cirurgia de Olhos (CBCO). Ele faturou a disputa com o projeto Criação de um Servidor Proxy.

Estagiária da Sauad Indústria Farmacêutica, a aluna do curso de Farmácia da UFG Amanda Karla Campos da Costa ficou com o 2º lugar. Ela desenvolveu o projeto Elaboração e Implantação do Sistema de Garantia da Qualidade Através do Desenvolvimento de Metodologias para Análise de Normas Legais e Técnicas.

O 3º lugar ficou com a aluna de Relações Públicas da UFG Marina Afonso Borges,com o projeto o Re-Conhecimento das Relações Públicas, na Net One Tecnologia da Informação.

Categoria GRANDE EMPRESA

Danilo Mello, Vinícius dos Santos e Guilhermine Nielson: softwares, gestão de documentos e campanhas de saúde

O 1º lugar na categoria Grande Empresa foi do estudante de Engenharia de Produção da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) Danilo Cantieri de Mello. Estagiário na Mabel, ele concorreu com o projeto Desenvolvimento dos Softwares RI e MRP.

Vinícius dos Santos, aluno de Biblioteconomia da UFG, levou o 2º lugar. Ele implantou, no Ministério Público de Goiás, o projeto Organização e Gestão Documental no Arquivo da Superintendência de Gestão em RH – SGRH.

O aluno do curso Técnico em Segurança do Trabalho do Colégio Sena Aires Guilhermine Franchesca Nielson ficou em 3º lugar. Ele é autor do projeto Campanhas de Saúde e Cartilha de Segurança e Saúde no Trabalho Através da Intranet na Agência Goiana de Comunicação (Agecom).

Wolmir Amado: prêmio é incentivo também para instituições de ensino

Incentivo ao crescimento

O reitor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Wolmir Amado, disse que o Prêmio IEL de Estágio é um incentivo para as instituições, professores e estudantes. "A iniciativa desperta atenção diferenciada das consequências que o estágio provoca", ressaltou. Ele acrescentou que o estágio é fundamental, pois é um momento de crescimento e aprendizado.

Já o reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Edward Madureira, afirmou que o prêmio é motivo de satisfação para a instituição. "Isso mostra que a cada dia a UFG está mais próxima da sociedade, seja em movimentos sociais e nas empresas. Isso significa que estamos próximos da inovação e mostramos nosso papel na sociedade", destacou.

Premiação

Na edição regional, os terceiros colocados, de cada categoria, ganharam um smartphone, os segundos foram premiados com um netbook e os primeiros colocados receberam um notebook. A estagiária Thays de Lima Dias levou uma motocicleta por atingir a melhor avaliação em qualidade, responsabilidade socioambiental, econômico-financeiro, gestão da qualidade e inovação.
Como melhor supervisor e melhor orientador de estágio, Eliana Assolini, da Futura Tecnologia em Cursos, e Alair Gomes Camargo, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) receberam certificado e diárias para o Sesi Aruanã.
O prêmio contou com o patrocínio da Caixa Econômica Federal.

No alto da agenda

Sessenta por cento das indústrias do Estado já adotam sistemas de gestão ambiental, área que passou a receber, em 2010, volume ampliado de investimentos

Num contraste em relação aos resultados nacionais e mesmo para aqueles encontrados na região Centro-Oeste, as exigências de instituições financeiras ou de fomento foram apontadas por 77,1% das empresas ouvidas em Goiás como principal motivo para a adoção de iniciativas e políticas de gestão ambiental, de resto colocadas em prática por seis em cada dez indústrias goianas.

Em todo o País, a razão principal apontada pelas empresas industriais foi a relevância desses procedimentos na construção e preservação da imagem e da reputação das empresas, com 78,6% das respostas, enquanto 78,8% das indústrias do Centro-Oeste preferiram destacar as exigências do licenciamento ambiental.

Esses dados estão na Sondagem Especial de Meio Ambiente realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). O estudo mostra, ainda no caso goiano, que 65,7% das indústrias locais adotam práticas de gestão ambiental como forma de aumentar a competitividade de suas exportações. Entre os programas incorporados a sistemas de gestão ambiental, 78% citaram a redução na geração de resíduos, utilizados por 53% delas como matéria-prima ou insumo. Outras 59% incorporaram recursos que permitem o uso mais eficiente de energia e 56% visam à redução no consumo de água, reutilizada por metade das indústrias que adotam sistemas de gestão ambiental. A pesquisa indica ainda um crescimento no índice dos investimentos em gestão ambiental entre 2009 e 2010.

Senai presta serviços na área ambiental

Implantado recentemente, o Núcleo de Meio Ambiente e Higiene Industrial do Senai Goiás já realiza diversas consultorias para a indústria goiana, com a proposta de contribuir para seu desenvolvimento sustentável, além de ampliar a atuação da instituição na área ambiental.

Instalada na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, a nova unidade presta serviços de monitoramento, licenciamento e diagnóstico ambiental, gerenciamento de resíduos sólidos, efluentes líquidos e emissões atmosféricas, implantação de programas de educação ambiental e de produção mais limpa, entre outros. "Vamos oferecer consultorias de acordo com as necessidades das empresas", explica o coordenador do núcleo, engenheiro Luiz Eurípedes Ferreira Rosa.

REFORMA TRIBUTÁRIA

\\\ Em um de seus primeiros compromissos oficiais depois das eleições, o governador eleito Marconi Perillo (PSDB-GO) participou da reunião de diretoria da Fieg, a primeira realizada sob comando do novo presidente da entidade, o empresário Pedro Alves de Oliveira *(foto)*. Depois de criticar a proposta de recriação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), Perillo (na foto, entre Paulo Afonso e Pedro Alves) defendeu a necessidade de uma reforma tributária que desonere a produção e o investimento. Pedro Alves propôs que o setor industrial se articule em favor da reforma. "A legislação fiscal emperra o crescimento. Precisamos desburocratizar a tributação", destacou.

HOMENAGEM

\\\ O presidente do Núcleo da Fieg em Anápolis, Waldyr O´Dwyer, homenageou sete lideranças classistas com o Diploma e a Medalha do Mérito do Ex-Combatente do Brasil, concedida pelo Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Foram agraciados os ex-prefeitos de Anápolis Olímpio Ferreira Sobrinho e Eurípedes Barsanulfo Junqueira; o gerente da unidade do Sesi, Darlan Neiva; o coordenador do Núcleo da Fieg, Gilson Amaral; o vice-presidente da Fieg e presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis, Wilson de Oliveira (*na foto, com O´Dwyer*); o presidente do Sindicato do Turismo e Hospitalidade, Epaminondas Costa; e Willian Layser O´Dwyer.

RESÍDUOS SÓLIDOS

\\\ Os conselhos temáticos de Meio Ambiente e de Micro e Pequena Empresa da Fieg promoveram, no dia 18 de novembro, na Casa da Indústria, oficina sobre a política nacional de resíduos sólidos. O encontro discutiu temas relacionados à logística reversa na destinação de resíduos, disposição transitória e definitiva, acordos setoriais, questões legais relacionadas à gestão e detalhes da Lei 12.305/2010, que estabeleceu a política nacional para gestão de resíduos sólidos. Participaram como palestrantes o diretor executivo do Sindirrefino, Walter Françolin, a gerente de meio ambiente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Grace Pria, o gerente de resíduos da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e de Recursos Hídricos de Goiás, Osmar Mendes, e o presidente da Agência Municipal de Meio Ambiente, Clarismino Júnior.

NEGÓCIOS E TECNOLOGIA

\\\ A sétima edição da Feira de Fornecedores e Atualização Tecnológica da Indústria de Alimentação (Ffatia), realizada em outubro, recebeu 130 expositores e perto de 25 mil visitantes, gerando algo próximo a R$ 180 milhões em vendas. O resultado aponta um crescimento de 12,5% na comparação com a edição anterior do evento.

Nasce a indústria da confecção

Há quase quatro décadas, o empresário Daniel Viana se dedica a fabricar roupas de qualidade sob encomenda, cuidando da elegância dos goianos

■ *Renata Dos Santos*

Daniel Viana: um dos pioneiros da indústria da moda, num período em que a fabricação de roupa sob medida era uma prática comum

No mesmo endereço: alfaitaria foi aberta no final dos anos 70, na Galeria Central, na esquina das Ruas 3 e 6

A história da alfaiataria de Daniel Viana e sua trajetória ilustram o surgimento da indústria da moda em Goiânia, marcada pelas lojas de roupas sob medida, que culminou no desenvolvimento do mercado de confecção na capital. Aberto no fim dos anos 70, na Galeria Central, na esquina das Ruas 3 e 6, no Centro, o negócio de Daniel Viana, atualmente com 85 anos, mantém até hoje o nome do proprietário atrelado à fachada.

Com o slogan Bem-Vestido, Bem-Sucedido, o alfaiate conquistou a confiança de seus clientes desde aquele tempo em que encomendar a fabricação de roupa era um hábito ainda cultivado, quando não havia a cultura do shopping center e da "roupa pronta".

Roupas sob medida assinadas por um profissional renomado. Assim Daniel Viana, um dos diretores da Fieg e do IEL, segue sua trajetória de quase quatro décadas. Ele conferiu o desenvolvimento da moda local, tanto no campo do vestuário, quanto nas butiques, que revendiam marcas consolidadas no cenário nacional e internacional. Ele também foi testemunha de uma época em que lojistas de rua sofreram o impacto da proliferação das confecções, caseiras e industriais. "Sempre busquei incentivar a filiação das indústrias de roupas em sindicato para que a qualidade do produto e o desenvolvimento do setor com tecnologia fossem garantidos", afirma.

Seu início no campo do vestuário não foi como alfaiate. Ele viveu de perto as transformações por que passou Goiânia no período setentista. Antes de abrir sua alfaiataria, em 1977, um pequeno ateliê em galeria, ele foi sócio-proprietário de uma loja de revenda de roupa sob medida no centro da cidade, a Capital Modas. Retrato de seu tempo, "mais elegante" que os dias atuais, o presidente do Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás – entidade da qual foi um dos fundadores, em 1944 – ainda trabalha vestido de camisa e calça social, além de gravata. Seu estilo também coincide com a decoração sóbria de sua alfaiataria, que ostenta móveis em imbuia maciça e papel de parede típico de residências e lojas europeias.

Formado em Direito na UFG no ano de 1961 – ao lado de outros pioneiros goianos, como Iris Rezende – o alfaiate, que é capixaba mas tem título de cidadão goiano, trabalha desde os 12 anos com alfinetes e dedais. Durante muito tempo, ele conciliou o Direito com o dom para a confecção de roupas sob medida. Ainda no governo Mauro Borges, no começo dos anos 60, Daniel Viana foi aprovado em concurso público para o antigo cargo de comissário de polícia (delegado). "Ganhava mais como alfaiate, o que realmente gosto de fazer." Ele se orgulha da época em que era proprietário de A Capital Modas, loja-indústria instalada no coração goianiense, na Praça do Bandeirante, da qual era dono em sociedade com um irmão e um cunhado. "Fazíamos roupa sob medida para homem e para mulher. Foi uma das primeiras de Goiânia", conta.

Renata Dos Santos

SUCESSÃO

\\\ O novo presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, Suely Paranaíba, Solange Soares e o ex-presidente da entidade Paulo Afonso Ferreira, durante a inauguração do Teatro Sesi, em noite de muitas atrações. No dia seguinte, uma missa celebrada pelo arcebispo de Goiânia, dom Washington Cruz, também marcou a abertura do espaço cultural ao trabalhador da indústria e seus familiares.

FRANGO MADE IN GOIÁS

\\\ O empresário José Garrote e o seu filho Hugo acabaram de chegar da Cial, na Europa. Feliz da vida, na feira internacional de alimentação realizada em Paris, a dupla (Superfrango), que já vendia para países do Oriente Médio, recebeu certificação que insere a empresa numa lista especial com passe livre para exportar frango para a Comunidade Europeia a partir de 2011.

MERCOSUL

\\\ Marduk Duarte (Andrak), presidente da Associação dos Jovens Empresários (AJE), contabiliza o sucesso do 2º Líder Centro-Oeste, evento realizado no Oliveira's Place, dia 12 de novembro. Negociação, mercado de trabalho e sustentabilidade dos empreendimentos foram alguns dos temas discutidos entre empresários goianos e de outros países do Mercosul, como Argentina, Paraguai e Uruguai.

APOIO À ARTE GOIANA

\\\ O empresário Guilherme Pinheiro (GPL) e o artista plástico G. Fogaça *(foto)* conferiram lançamento da exposição Urbi Urbis, no Museu da Providência, no Chile, dia 9 de novembro. O construtor é patrocinador em mais essa empreitada do artista, que assina obras urbanas em projetos diversos da capital. Do Chile, ele contou que foi convidado para fazer parte do conselho da Universidade Tecnológica Metropolitana (Utem).

DECORAÇÃO

\\\ Nascido no Rio Grande do Sul, mas "goiano de coração", Osmar Chiarello (Gessolar) montou sua empresa há 38 anos em Goiânia, de onde conquistou clientes em todo o Brasil. Além dos shoppings locais que ostentam suas placas de fabricação própria e outros materiais que são garantia de acabamento e visual arrojado, seu produto embeleza a decoração recente da ampliação do Park Shopping e Parque da Cidade (Brasília), além de pontos como BH Shopping e hotéis paulistanos.

ÁSIA

\\\ Empresas de embalagens de Pequim e outras províncias chinesas e em territórios indianos são o destino de Jeová Pimentel *(foto)* e de sua filha Luna (Abelha Rainha) neste fim de ano. Durante 15 dias, eles realizam visitas e implementam negócios numa viagem que também unirá momentos de lazer na moderna Dubai. A meta é uma só: trazer novidades para uma reformulação geral de frascos de perfumes e recipientes dos cosméticos da marca, fundada em Goiânia em 1990. Recentemente uma festa no Castro's comemorou os 20 anos da Abelha Rainha, quarta em vendas diretas no Brasil.

JOVENS EMPRESÁRIOS

\\\ A Radial, indústria genuinamente goiana de peças para veículos e máquinas pesadas usadas no agronegócio, tem à frente os jovens empresários Patrick e Gustavo Costta. Fundada em 2001, na GO-070, e transferida posteriormente para sede própria no Setor Aeroviário, é considerada uma das pioneiras no segmento em Goiás e já ganhou reconhecimento entre clientes e distribuidores fora do Estado.

ESCULTURA

\\\ As 24 esculturas de pau-brasil e pedra-sabão da artista plástica Maria Guilhermina, expostas no foyer do Teatro Sesi, podem ser vistas até 30 de novembro. A artista, que é "vizinha" do novo point cultural goianiense, no Setor Santa Genoveva, avisa que em 2011 organizará uma grande mostra. O agito vai marcar seus 40 anos de escultura e a carreira consagrada no Brasil e o no exterior, especialmente na França, onde morou por vários anos.

Sindileite
Visita técnica

Um grupo de 20 produtores de leite, cooperativas e indústrias do setor de laticínios, incluindo o presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite), Ananias Justino Jaime *(foto)*, participou de visita técnica às províncias de Quebec e Montreal, no Canadá, e à região de Maddison, em Winsconsin (EUA). Entre os dias 18 de setembro e 1º de outubro, eles conheceram sistemas de produção, de transporte e de fiscalização, além de modelos de negociação entre produtores e indústrias. A visita foi patrocinada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), com apoio logístico do Ministério de Relações Exteriores, e pelo G-100, associação que reúne mini, pequenas e médias cooperativas de leite e laticínios, com sede em Brasília.

Mercado fechado

Desde 1956, observa o diretor executivo do Sindileite, Alfredo Luiz Correia, o Canadá adota um marco regulatório específico para o setor de produtos agropecuários que definiu o virtual fechamento do mercado de leite e derivados. Preços e volumes de produção são fixados em contratos de longo prazo entre produtores e laticínios, nos quais a remuneração é definida segundo a proporção de matéria gorda produzida. As margens até o varejo são reguladas. "Todos os setores ganham na mesma proporção", acrescenta ele.

Núcleo da Fieg
Estratégia renovada

Os seis sindicatos de indústrias com sede em Anápolis e o Núcleo Regional da Fieg reuniram-se em outubro *(foto)* para revisar seu planejamento estratégico e definir o novo plano de ação, numa iniciativa coordenada pelo gerente de projetos do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), Fernando Noleto. Além da equipe técnica do núcleo, também participaram dos trabalhos os presidentes do Siaa, Wilson de Oliveira; do Siva, Jair Rizzi; do Sindicer/GO, Henrique Morg de Andrade; do Simea, Robson Braga; do Sindifargo, Marçal Henrique Soares; do Sicma, Álvaro Otávio Dantas Maia, e o coordenador do Núcleo da Fieg, Gilson Amaral Brito.

Sindifargo
Validação de sistemas

O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), por meio da Comissão de Trabalho para Assuntos Regulatórios (Comtrar), realizou, em outubro, na sede da Fieg, em Goiânia, o curso Validação de Sistemas Computadorizados na Indústria Farmacêutica. O presidente da entidade, Marçal Henrique Soares, ressaltou que esse curso atende à norma reguladora da Anvisa, a RDC 17, de abril de 2010, que estabeleceu prazo até 2013 para adequação das indústrias do setor, promovendo a validação de todos os procedimentos informatizados.

Sindicer/GO
APA do João Leite

O presidente do Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer/GO), Henrique Morg de Andrade, comemora o resultado da ofensiva comandada pela entidade para mobilizar as empresas instaladas na Área de Proteção Ambiental (APA) do Ribeirão João Leite, para adesão ao projeto de elaboração do Estudo de Impacto Ambiental e do Relatório de Impacto Ambiental (Eia\Rima). Essa exigência foi estabelecida a partir de um acordo, feito no início do ano, envolvendo a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) e o Centro de Apoio do Meio Ambiente do Ministério Público Estadual, para a renovação de licenças das empresas que atuam na APA. O projeto será entregue num prazo de cinco meses e um de seus objetivos é assegurar a exploração sustentável de argila. Na região, estão cerca de 40 empresas, das quais mais de 30 aderiram ao projeto.

Siaa
Feira de tecnologia

O Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis (Siaa) participou da VII Feira de Fornecedores e Atualização Tecnológica da Indústria de Alimentação (Ffatia) e II Mostra Sucroenergética Centro-Oeste (Sucroeste). O presidente da entidade, Wilson de Oliveira (foto), recentemente eleito vice-presidente da Fieg, ressaltou que se trata de um dos maiores eventos do setor em Goiás e que a participação de Anápolis no evento foi bastante positiva.

Simea
Senai Casa Aberta

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simea), Robson Peixoto Braga, participou, no início de outubro, do evento Senai Casa Aberta, nas dependências da Faculdade de Tecnologia Senai Roberto Mange *(foto)*. Segundo Braga, foi uma oportunidade importante para os jovens conhecerem melhor a estrutura e os cursos oferecidos na unidade, dentre eles, destacou o de mecânica, que tem sido um suporte importante para a formação de mão de obra para a montadora de veículos Caoa/Hyundai.

Sicma
Praça Bom Jesus

O arquiteto e urbanista Guilherme Takeda, reconhecido nacional e internacionalmente, entregará o projeto definitivo de revitalização da Praça Bom Jesus, considerada um dos principais cartões postais de Anápolis. O projeto nasceu de uma parceria entre a Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia) e o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), com apoio da atual administração municipal e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). A última reunião para discutir o assunto *(foto)*, ocorrida no dia 6 de outubro, teve a presença do bispo diocesano, d. João Wilk. Firelênio Wesley Fraga, diretor do Sicma, representou o presidente Álvaro Otávio Dantas Maia no encontro.

giro pelos sindicatos

Siva
Educação profissional
O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi, participou de reunião com a coordenação do Centro de Educação Profissional de Anápolis (Cepa), no Distrito Agroindustrial de Anápolis. A visita fez parte de um roteiro organizado pela coordenação do Núcleo da Fieg às instituições que ministram cursos de qualificação e promovem a inserção de jovens e adultos no mercado de trabalho. Segundo Rizzi, a proposta é adequar os cursos de capacitação às demandas das empresas.

Sifaçúcar/Sifaeg
Crer ganha carro zero
A General Motors e a consultoria Datagro doaram um carro zero km ao Centro de Reabilitação Henrique Santillo (Crer), localizado em Goiânia. Todos os anos, durante a conferência internacional Datagro sobre etanol e açúcar, uma entidade recebe a doação de um carro flex. O Crer foi contemplado neste ano, após gestões feitas pelo presidente executivo do Sifaeg, André Rocha, que também é padrinho da entidade. O carro é um Corsa sedan e foi entregue durante solenidade realizada no dia 19 de outubro, no hotel Hyatt, em São Paulo. O diretor do Crer, Sérgio Daher, recebeu as chaves do veículo das mãos de André Rocha e do vice-presidente da GM no Brasil, José Carlos da Silveira *(foto)*.

Simelgo
Capacitação
Os sindicatos patronal da indústria metalúrgica (Simelgo) e dos trabalhadores do setor firmaram parceria para a realização de cursos para capacitação de pessoal na área da metalurgia. A parceria, diz o presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira, "traz dividendos para todos, principalmente para os trabalhadores, que passam a ter acesso a cursos de qualificação profissional, que lhes é oferecido gratuitamente." Na foto, Siqueira entrega certificado a um concluinte do curso de Cortadores e Dobradores de Chapas Metálicas, em Catalão.

Sininceg
Eleições
O presidente do Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás (Sininceg), José Antônio Vitti, foi eleito deputado estadual com mais de 35 mil votos, colocando-se entre os oito mais bem votados para o cargo. Ele cumprirá seu primeiro mandato na Assembleia Legislativa, representando o PRTB.

Sindibrita
Areia e brita
O vice-presidente do Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras dos Estados de Goiás, Tocantins e do Distrito Federal (Sindibrita), Fábio Rassi, participou, entre 21 e 24 de outubro, de encontro entre instituições representativas das indústrias de brita e areia de todo o País e empresas do setor, realizado em Lajeado (RS).

Sinduscon-GO
Debates e tendências
Tendências, novas tecnologias, sustentabilidade, segurança e ensaios não-destrutivos fizeram parte do cardápio de eventos que o Sinduscon-GO programou para novembro, em parceria com a Câmara Americana de Comércio, Caixa Econômica Federal, Ademi-GO e Comitê Permanente Regional sobre Condições e Meio Ambiente de Trabalho na Indústria da Construção em Goiás (CPR-GO).

Coco no lugar do pinus

Empresária abre mão de 20 anos de bem-sucedida carreira no setor de estética para dedicar-se à produção de uma receita especial de substrato ecológico

Eliane e seu produto: preocupação ambiental define o mais novo projeto da empresária

Uma caminhada pelo Parque Areião, na região sul de Goiânia, foi o suficiente para convencer a empresária e administradora de empresas Eliane de Oliveira Faria a desistir de um negócio de mais de duas décadas para investir esforços e recursos no desenvolvimento de um produto inovador. Observadora e curiosa, Eliane percebeu que as pessoas consumiam 250 mililitros de água de coco e geravam, a cada garrafinha, um resíduo de um quilo e meio, em geral destinado ao lixo, contribuindo para acelerar o esgotamento da capacidade do aterro sanitário mantido pela prefeitura.

"Resolvi pesquisar e descobri que somente em Goiânia são produzidas 300 toneladas de resíduos por mês." Começava ali o mais novo negócio de Eliane, que buscou a assessoria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Goiás (Sebrae-GO) e, depois, da Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás (UFG) para desenvolver o projeto de produção de substrato para tomateiro industrial à base de coco e de criação da Mini Erva, sua mais nova empresa.

Até então, a empresária havia liderado uma investida exitosa na área de beleza e estética, mantendo três clínicas na capital. "Vendi as clínicas para investir no substrato de coco. Entrei nesse negócio pensando na questão ambiental e desenvolvi uma receita que permite poupar a araucária, uma das espécies sob risco no País", diz ela.

O trabalho começou a tomar corpo, como conta Eliane, entre 2007 e 2008 e, já em dezembro do ano seguinte, o projeto foi aprovado e enquadrado no programa Primeira Empresa Inovadora (Prime), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), lançado no início de 2009. A Mini Erva levantou R$ 120 mil para financiar a contratação de um gestor, consultor, especialista técnico e da Consultoria Integrada e Processamento de Alimentos (Cippal), empresa júnior da UFG, que realizou pesquisas de mercado e elaborou o plano de negócios.

Até aqui, Eliane estima que 90% do projeto já foi concluído e prevê chegar a janeiro com quase 50 toneladas de substrato, prontas para chegar ao mercado. A ideia é sustentar uma produção diária de 10 toneladas, empregando uma equipe de 30 pessoas. Ao longo do processo, a prefeitura de Aparecida de Goiânia doou área de 8.060 metros quadrados no parque industrial da cidade, onde Eliane montou um galpão de 400 m², orientou na preparação de um terreno para secagem do material e construiu um viveiro de quase 2 mil m² para testes de campo e análises laboratoriais do substrato. "Desenvolvemos 17 amostras até chegar à formulação correta. E já temos uma formulação para floriculturas", anuncia a empresária.

Embora de oposição, Marconi Perillo não deve se confrontar com a presidente Dilma Rousseff

Itami Campos
Cientista político

Governos, montagens e desafios...

A disputa presidencial em 2010 apresentou a mesma polarização política que, desde a eleição de FHC em 1994, vem ocorrendo - "PSDB&Aliados" versus "PT&Aliados". Essa polarização colocou a política nacional numa composição de forças muito próxima do que pode ser caracterizado como "centro" – um mais à direita, outro mais à esquerda. Ambos os candidatos que disputaram o segundo turno se apresentaram como continuidade do governo do Lula, especialmente no discurso, pois na prática o nível das campanhas apresentou-se aquém do desejado, sem precisas formulações de propostas. Quando muito os candidatos ficaram em torno de propostas meramente eleitoreiras.
Ao que tudo indica a presidente eleita não terá problemas com o Congresso Nacional, pois a coligação que a elegeu, especialmente o PT e o PMDB, tem maioria na Câmara dos Deputados e no Senado da República. Uma das possíveis dificuldades vai ser a de harmonizar os interesses de grupos dentro do próprio PT e do próprio PMDB e também as disputas das duas legendas pelos ministérios que dispõem de mais verbas.
Além disso, os problemas podem surgir exatamente pelo tamanho da sua base no Congresso Nacional. Há um custo político na manutenção da base de apoio, logo partidos políticos e

parlamentares começarão a apresentar suas exigências e faturas. Ambos os partidos formam o governo, é verdade, mas pela heterogeneidade de interesses e de forças podem dificultar a sua composição. Conter e limitar os custos não se apresenta como tarefa fácil, mesmo porque além de cargos e recursos para manutenção de suas bases eleitorais, partidos e candidatos tornam-se mediadores de interesses de seus financiadores. Não sejamos ingênuos, esse é a modelagem da política brasileira contemporânea, pela sua forma de financiamento de campanha e pelo custo para um candidato se eleger.
O quadro nacional também é favorável à presidente eleita, mesmo com o questionamento de ela ter sido eleita pelos Estados mais pobres. São Paulo, Minas Gerais e Paraná, que serão governados pelo PSDB, poderão contrabalançar o poder de Brasília, mas dificilmente irão para um confronto. E, nesse cenário, vale considerar a situação de Goiás. Não se apresenta com vantagem de disputar espaço em primeiro escalão. Além do Estado não ser considerado influente no contexto nacional, a derrota de Dilma Rousseff no segundo turno em Goiás coloca as forças coligadas em desvantagens. Como explicar ela ter vencido no primeiro turno e perder no segundo, considerando-se que o candidato que lhe apoiava no Estado cresceu em votação?
Algumas pautas de interesses goianos já foram apresentadas – conclusão da Ferrovia Norte-Sul, duplicação das BR, especialmente Goiânia-Rio Verde, conclusão do aeroporto de Goiânia, entre outros projetos de infraestrutura. Nesta direção, as solicitações também podem ter o respaldo do governador eleito. Embora de oposição, Marconi Perillo não deve se confrontar com a presidente Dilma Rousseff e isso também interessa ao governo federal, pois tradicionalmente o governador no Brasil tem o controle ou no mínimo forte influência sobre a bancada federal do Estado. Resultam desse jogo de poder apoios e negociações que tanto interessam à bancada federal como a ambas as administrações, federal e estadual.

CIN
Centro Internacional de Negócios de Goiás

Sistema Fieg/Ascom

O Centro Internacional de Negócios de Goiás é a área internacional da Fieg.

Alguns dos serviços e produtos oferecidos pelo CIN:

- **Emissão de Certificados de Origem**

  Documento que atesta a origem brasileira dos produtos exportados e confere isenção ou redução do Imposto de Importação nos países que compartilham de acordo comercial com o Brasil, proporcionando competitividade para os produtos brasileiros.

- **Cursos para capacitação empresarial**

  Cursos de curta duração que visam a constante renovação do conhecimento, aprimorando e contribuindo para a qualificação dos profissionais atuantes no comércio exterior.

- **Assessoria e consultoria em comércio exterior**

  Atendimento técnico oferecido de forma virtual, presencial ou por telefone para empresas e profissionais atuantes ou que pretendam atuar com comércio exterior.

- **Programa de Internacionalização Start Export**

  Programa de internacionalização que engloba um conjunto de soluções preparando a empresa para o comércio exterior por meio de ações como realização de diagnóstico, treinamento e execução de um plano de ação orientado para exportação.

- **Programa de Internacionalização Exporta CIN**

  Programa de internacionalização com avaliação e diagnóstico da capacidade exportadora da empresa, seleção de novos mercados para atuação por meio de viagem de prospecção ao exterior com agente comercial especializado.

- **Preparação e suporte para Feiras e Missões Internacionais**

  Viagens para participação em eventos internacionais proporcionando ao empresário o contato com empresários estrangeiros, análise competitiva, rodadas de negócios e experiência direcionada à formação de cultura exportadora.

- **Divulgação dos Dados da Balança Comercial de Goiás**

  Análise dos números do comércio exterior do Brasil e de Goiás, os principais países de origem e destino dos produtos exportados e importados, assim como os municípios envolvidos neste processo. A publicação é mensal.

- **Pós Graduação de Gestão em Comércio Exterior**

  Curso lato sensu ministrado por profissionais atuantes e de renome que apresentam a aplicabilidade prática dos módulos trabalhados em 372 horas pelo período de um ano e meio.

www.cinfieg.org.br

INFORMAÇÕES: Centro Internacional de Negócios de Goiás – CIN/FIEG
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco - Casa da Indústria, Setor Leste Vila Nova, Goiânia-GO
Telefone:(62) 3219-1488 - cin@sistemafieg.org.br

CIN Centro Internacional de Negócios de Goiás

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL FIEG

FÁBIO LUCAS Codemin, Brasil

SE VOCÊ É CAPAZ DE COLOCAR A RESPONSABILIDADE ACIMA DOS RISCOS E O RESPEITO ACIMA DO RETORNO FINANCEIRO. SE VOCÊ É CAPAZ DE PENSAR NO FUTURO APRENDENDO COM O PASSADO E ACREDITA QUE TER CONFIANÇA É TÃO IMPORTANTE QUANTO O LUCRO. SE VOCÊ É CAPAZ DE ADMIRAR OS ALICERCES TANTO QUANTO O QUE ESTÁ À VISTA. SE VOCÊ BUSCA O TODO COM ATENÇÃO AOS DETALHES. SE VOCÊ É CAPAZ DE PENSAR GRANDE MANTENDO A HUMILDADE. SE VOCÊ TEM CORAGEM PARA QUESTIONAR O QUE NÃO ACHA CERTO E LUTAR PELO QUE É CERTO. ENTÃO VOCÊ ENTENDE O QUE É PRECISO PARA TRABALHAR NA ANGLO AMERICAN.

AngloAmerican

Mineração e pessoas que fazem a diferença.